

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

ANA ROSA SILVEIRA DA SILVA

**O BASQUETE EM CADEIRA DE RODAS:
Para Além da Quadra**

Porto Alegre

2010

ANA ROSA SILVEIRA DA SILVA

O BASQUETE EM CADEIRA DE RODAS:

Para Além da Quadra

Monografia apresentada para aprovação final e obtenção do título de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Orientador: Dr. Marco Paulo Stigger

Porto Alegre

2010

RESUMO

A partir de um olhar sócio-cultural, essa pesquisa tem como objetivo compreender o basquete em cadeira de rodas que acontece no CETE (Centro de Treinamento Esportivo), em Porto Alegre. Buscando seguir uma perspectiva etnográfica, ocorre uma imersão do pesquisador no grupo que faz parte do projeto “Piá Basqueteiro”. Iniciando pelos espaços periféricos à quadra, procura identificar quem os ocupa, como os ocupa e qual a sua relação com o basquete. Em seguida, procura entender como o basquete se insere na vida desses sujeitos através da observação de eventos fora do CETE onde esses sujeitos estiveram reunidos: um churrasco; um torneio amistoso e jogos pelo campeonato gaúcho. Para finalizar há um retorno ao CETE, porém, agora, com o olhar dirigido à quadra e ao jogo que pode ser melhor compreendido quando já se tem um pouco de conhecimento sobre as questões que o cercam: imagem social, autonomia, saúde, rendimento e participação.

Palavras-chave: basquete em cadeira de rodas. Sujeito com deficiência. Imagem social.

ABSTRACT

From a social and cultural look, this research aims to understand the basketball in wheelchairs that happens on CETE (Sports Training Center), in Porto Alegre. Seeking to follow an ethnographic perspective, there is an immersion of the researcher in the group that is part of the “basketball boy”. Launching the peripheral areas on the court, seeks to identify those who occupy them, like the squat and what is its relationship with the basketball. After, seeks to understand how basketball fits in the lives of people through the observation of events outside of CETE, where these people were assembled: a barbecue, a friendly tournament and the championship games of Rio Grande do Sul. To ending there is a return to CETE, but now, his gaze directed at the court and the game could be better understood when there is already a bit of knowledge about the issues that surround it: social image, autonomy, health, sports production and participation.

Keywords: basketball in wheelchairs. People whit disabilities. Social image.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	4
2	METODOLOGIA.....	7
3	ANTES DE ENTRAR EM CAMPO.....	11
3.1	A Imagem do Sujeito com Deficiência.....	12
3.2	Onde e Como Acontece o Basquete.....	16
3.3	Os Atores.....	18
4	O BASQUETE NOS ESPAÇOS PERIFÉRICOS.....	22
4.1	No CETE.....	22
4.1.1	“Vestindo a cadeira”.....	22
4.1.2	A equipe de apoio.....	25
4.1.3	A saúde no banco.....	28
4.2	Fora do CETE.....	33
4.2.1	A estréia de Felipe.....	33
4.2.2	Partidas pelo campeonato gaúcho de basquete em cadeira de rodas.....	34
5	O BASQUETE EM CADEIRA DE RODAS NA QUADRA.....	36
5.1	O Basquete em Cadeira de Rodas Oficial.....	36
5.2	O Basquete em Cadeira de Rodas Praticado no CETE.....	39
5.3	Esporte e Lazer.....	42
5.4	Esporte e Imagem Social do Sujeito com Deficiência.....	45
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
	REFERÊNCIAS.....	52
	APÊNDICE.....	55
	ANEXOS.....	57

1 INTRODUÇÃO

Quando ingressei no curso de Educação Física já trabalhava junto a pessoas com deficiência e minha intenção era a de continuar com estes sujeitos, ou seja, estava interessada na educação física especial. Contudo, esta é uma área pouco procurada na educação física onde há pouca oferta de disciplinas específicas. A forma que encontrei de buscar mais conhecimentos nessa área foi estabelecendo a relação entre os conteúdos dados nas diversas disciplinas cursadas e o conhecimento que fui adquirindo pela experiência prática junto aos sujeitos com deficiência. Ao realizar um trabalho para a disciplina de Basquete Fundamentos, no segundo semestre, fiz meu primeiro contato com atletas do basquete em cadeira de rodas. Não fui bem recepcionada, mas não desisti e um dos atletas acabou colaborando.

Assim, ao longo do curso fui realizando tarefas que me colocavam em contato com esses sujeitos. Na disciplina de História da Educação Física, por exemplo, apresentei a trajetória de um atleta da corrida em cadeira de rodas; na disciplina de Educação Física Cultura e Sociedade, o tema foi corpo, saúde e deficiência; na disciplina de Teoria do Treinamento Esportivo, elaborei um treinamento para uma criança com paralisia cerebral...

Chegada a hora de realizar o trabalho de conclusão de curso, me mantive nesta linha optando pelo tema: “esporte e o sujeito com deficiência”. Meus objetivos continuam sendo a busca de conhecimentos e de compreensão não somente sobre a prática de atividades físicas desses indivíduos como também do que seja “o mundo” do sujeito com deficiência.

A princípio, pensei em voltar a procurar a equipe de basquete em cadeira de rodas. Sabia, porém, que não seria bem recebida. O grupo não simpatiza com estudantes universitários que os procuram, conforme dizem: “somente para sugar, sem dar nada em troca”.

Eis que o acaso me recolocou não somente em contato com esta equipe como, também, com turma de iniciantes no basquete em cadeira de rodas: brincávamos, eu e meu filho, cadeirante¹, no parque Marinha do Brasil, com uma turma de amigos, quando um dos

¹ Sujeito com deficiência física que utiliza a cadeira de rodas para se locomover.

atletas do basquete em cadeira de rodas, realizando o que eles chamam de “garimpo²”, o convidou para participar de um projeto para iniciantes na modalidade. Ele ficou muito entusiasmado com a possibilidade, pois há muito esperava uma oportunidade de praticar uma modalidade esportiva. Já havia aceitado a idéia de que, provavelmente, isso só ocorreria ao completar quinze anos, idade necessária para ingressar na equipe adulta. O que significava uma espera de mais dois anos.

A princípio como aluna da graduação, depois como mãe e, posteriormente, como pesquisadora fui, aos poucos, entrando no campo e ganhando a confiança dos sujeitos pesquisados. Tarefa nada fácil, mas que possibilitou a realização desta pesquisa cuja primeira etapa, antes mesmo de formular o problema e elaborar o projeto de pesquisa, foi conhecer um pouco sobre o basquetebol em cadeira de rodas praticado no ginásio do CETE, em Porto Alegre: quem são os atores envolvidos, como é o lugar, como essa atividade se estruturou, o que é a prática esportiva para esses sujeitos. A partir disso pude fazer um recorte no campo, delimitando o que iria observar.

Nas primeiras observações identifiquei que o grupo possui uma formação peculiar no qual pais, alunos, treinador e cadeirantes adultos estão diretamente envolvidos com a atividade esportiva, embora ocupando diferentes espaços. O treinador ou professor e os alunos, quando juntos, ocupam a quadra onde o jogo acontece. Contudo o basquete não se reduz à quadra, nos arredores da mesma, ou seja, para além dos seus limites, há espaços que estão sendo ocupados por sujeitos que fazem parte, de uma maneira ou de outra, desse contexto. O basquete também está acontecendo nesses espaços. Qual a relação entre o basquete que acontece nos bastidores da quadra e o basquete que acontece em quadra?

As questões discutidas nesses espaços quando analisadas superficialmente, podem parecer de importância secundária para o professor, mas quando analisadas mais profundamente podem proporcionar um conhecimento que vai para além da quadra e que pode se apresentar em todo o paradesporto.

Logo, observando e participando das atividades e conversas que se realizam nos espaços periféricos da quadra, me debruço sobre as seguintes questões: Quais os significados do basquetebol em cadeira de rodas para os sujeitos com deficiência física?

² Para a equipe adulta esse termo se refere a ação de encontrar sujeitos que queiram praticar o basquete em cadeira de rodas.

Quais as funções dos sujeitos que ocupam a periferia da quadra? Como o basquetebol se insere na vida dessas pessoas?

Tenho, assim, como objetivos:

- Compreender como se dá o ingresso desses sujeitos na cultura esportiva da qual participam;
- Saber quem são os atores envolvidos nessa prática e que funções desempenham;
- Entender como esses sujeitos constroem a imagem do sujeito com deficiência, na relação que isso tem com o basquetebol;
- Identificar como o basquetebol se insere nas vidas dos cadeirantes.

2 METODOLOGIA

Educação Física, Cultura e Sociedade, é uma disciplina, agora, obrigatória, na faculdade de Educação Física, que muito me ajudou na escolha sobre o rumo a seguir no curso de licenciatura em Educação Física e também na escolha da metodologia utilizada nesta pesquisa. Tal disciplina me proporcionou uma grande oportunidade de discutir o esporte e a refletir sobre questões que, algumas vezes, parecem já resolvidas, mas que, ainda, carecem de olhares atentos.

Quando opto por um olhar sociocultural sobre o esporte, o faço a partir de algumas considerações. A primeira diz respeito à formação do professor: nesse sentido considero necessária a obtenção não somente de conhecimentos relacionados ao aspecto individual como também de conhecimentos que permitam compreender os aspectos sociais da vida dos indivíduos. Para alguns, individualidade e coletividade, são instâncias separadas e com pouca ou, até mesmo, sem inter-relação. A posição, geralmente, adotada é a favor de uma, enquanto a outra é relegada ao segundo plano. Enquanto aluna da ESEF pude observar colegas que ao privilegiarem os aspectos “individuais”, acabam por atribuir grande importância às disciplinas na área da psicologia e da educação, algumas vezes, esquecendo o aspecto social. Ainda que a intenção do futuro professor seja trabalhar como *personal training*, por exemplo, terá que ter em mente que seu aluno pertence a um grupo e se movimenta segundo as ações de outros com quem convive. E, é justamente por manter-se dentro de uma teia de relacionamentos tão complexa e única que ele se forma como um ser individual. Por outro lado, também estive ao lado de colegas, embora que estes fossem em menor número, para os quais os aspectos culturais e, portanto, as disciplinas na área da sociologia, estavam em primeiro plano. Como no currículo da ESEF, as disciplinas da área da psicologia e educação fazem parte do rol das disciplinas obrigatórias, esses alunos não as puderam relegar ao esquecimento.

Quando cursei a disciplina citada no início deste capítulo, ela ainda não era obrigatória. Foi a partir dela que me dirigi a outras da mesma área: *Introdução à Sociologia; Antropologia do Corpo e da Saúde; Sociologia da Saúde* e outras. Sendo todas cursadas fora da ESEF.

Na Faculdade de Ciências Sociais, por exemplo, cursei a disciplina de *Introdução à Sociologia* onde eu era a única aluna do curso de Educação Física, os demais pertenciam aos cursos de Geografia, História, Física e etc. Algumas vezes, o professor, como que refletindo em voz alta, dizia: “o que traz uma aluna da Educação Física a esta disciplina?”. Esse professor estranhava a minha presença, enquanto eu a via como necessária a minha formação docente.

Nessa época, era, também, aluna da disciplina de *Técnicas de Ensino do Basquete* e estava ministrando aulas em uma escola estadual juntamente com três colegas. Muitas vezes, também, percebia meus alunos como estranhos. Não conhecia seus gostos, suas crenças, seus valores e nem seus interesses. Perguntava-me o que eles esperavam da Educação Física. Muitas vezes, me percebi procurando os modificar, ou corrigir. Pude observar que, também, meus colegas, tinham atitudes semelhantes. Numa atitude etnocêntrica, considerávamos que os alunos tinham alguns comportamentos “inadequados” e tentávamos mostrar o que seria um comportamento “bom”. Estávamos, a partir da nossa visão de mundo, construída no senso comum e ditada pela cultura dominante, elaborando imagens negativas dos alunos. Durante esse semestre, fui fazendo um intercâmbio entre as duas disciplinas, *Introdução à Sociologia* e *Técnicas de Ensino do Basquete*. Os conteúdos da primeira ajudaram a compreender e refletir sobre a minha prática junto ao grupo de alunos da segunda disciplina.

Atualmente, o professor de *Introdução à Sociologia* tem uma turma na ESEF.

Outra questão que me leva a optar pela metodologia aqui adotada é com relação à diversidade, pluralidade e heterogeneidade do esporte que já foram discutidas por vários autores, entre os quais: PADIGLIONE (1995) e STIGGER (1998). Para os quais a visão homogênea, na qual o esporte estaria estrita e determinantemente vinculado à lógica do sistema capitalista, deve ser relativizada. Para esses autores apesar de tal sistema exercer grande influência sobre o esporte, não pode, contudo, determiná-lo. Isto equivale a dizer que apesar de existir o esporte espetáculo, com cobertura midiática, onde estão em jogo somas consideradas, recordes, regras e outras características desse meio, há diversas formas pelas quais os diversos grupos se apropriam do esporte. Por exemplo, com relação ao basquete, não há somente um, mas vários “basquetes” que em cada contexto ganham contornos diferenciados estabelecidos conforme a cultura de cada grupo. Neste sentido, há,

por exemplo, o basquete praticado nas escolas, nas ruas, nas “escolinhas”, nos ginásios, o que ocorre a partir de diferentes sentidos e significados. E mais, o basquete praticado em determinada escola poderá ser diferente daquele praticado nas demais escolas. Da mesma forma que o basquete de rua não é o mesmo em todas as ruas. Cada qual terá uma configuração que os diferenciara dos demais. Isso porque os sujeitos se apropriam do esporte de acordo com sua cultura. Assim sendo, para se entender o esporte é necessário conhecer seu contexto, quem o pratica, suas regras, seus objetivos, seus interesses. Enfim, o significado que cada grupo social atribui a sua prática.

No contexto onde realizo a presente pesquisa, existem diferenças visíveis, e outras nem tão visíveis. A modalidade esportiva praticada, apesar de semelhante a outros “basquetes”, possui características específicas, possíveis de se conhecer somente através da prática, ou da observação da mesma. Procurando um diálogo com esse grupo opto por realizar esta pesquisa numa linha que segue a perspectiva etnográfica onde pretendo, através da aproximação, conhecer o grupo investigado e, através do distanciamento, compreender as lógicas por ele acionadas. Para Fonseca: “é atentando para as diferenças – atrás das aparentes semelhanças – que se cria um espaço para o diálogo acontecer” (1999, p. 65).

O grupo investigado faz parte do projeto “Piá Basqueteiro”, cujas aulas acontecem no CETE (Centro Estadual de Treinamento Esportivo), aos sábados, das 10h às 12h. Como o grupo se organiza? Quais os sujeitos envolvidos? Como o basquete se insere na vida desses sujeitos? São perguntas que procurarei responder através de uma pesquisa qualitativa, com observação participante.

Os registros foram feitos em diário de campo, num total de 29 observações. Comecei observando as aulas no CETE. O projeto recém havia iniciado, compareci na segunda aula, em abril de 2009 e efetuei os registros até dezembro do mesmo ano, num total de 20 observações. Acompanhei o ingresso e a trajetória inicial dos alunos no basquete em cadeira de rodas. Nesse espaço mantive conversas regulares com mães, alunos e atletas adultos. Realizei também 09 observações fora do CETE: no dia 23 de junho de 2009, observei o jogo entre o RS Paradesporto e a equipe de Lajeado na qual estreou um dos alunos do projeto Piá Basqueteiro, em partida pelo campeonato gaúcho no ginásio municipal de Porto Alegre, Osmar Fortes Barcelos – Tesourinha; no dia 08 de dezembro,

observei a partida final do campeonato gaúcho, no CETE, entre as equipes do RS Paradesporto e CIDEF (equipe de Caxias do Sul); no dia 19 de dezembro de 2009, estive presente em um churrasco de confraternização onde estavam atletas, alunos e familiares, no Parque Harmonia; no dia 27 de março de 2010 estive presente em um torneio amistoso em Lajeado: Esporte, Lazer e Inclusão, primeira competição de alguns alunos do projeto Piá Basqueteiro com a equipe adulta e observei, também, 05 treinos da equipe adulta, no ginásio Tesourinha, no qual os alunos do projeto “Piá Basqueteiro” participaram. Nestes contextos mantive intensas conversas com os atores e a princípio, julguei não ser necessário realizar entrevistas. Procurava esclarecer as dúvidas assim que elas surgiam. Contudo, quando já houvera dado por encerrado o trabalho de campo e escrevia o texto, surgiu uma dúvida com relação ao valor do resultado do jogo para esses sujeitos, assim, retornei aos sujeitos para a realização de uma pequena entrevista.

Uma das maiores dificuldades encontradas na realização deste trabalho foi a conquista da confiança dos sujeitos pesquisados, aspecto que impossibilitaria a realização da pesquisa na perspectiva proposta:

A aceitação do pesquisador por parte dos sujeitos investigado é fundamental para a qualidade do dado obtido. Por isso, é importante que o pesquisador planeje a sua entrada no local da pesquisa de forma cuidadosa. A identificação do pesquisador como alguém que não merece a confiança do grupo pode tornar a pesquisa totalmente inviável (VICTORIA, KNAUTH e HASSEN, 2000, p. 55).

Estes atores se mostram bastante incomodados com a presença de pesquisadores. Como relatado na introdução deste trabalho, uma fala corrente entre esses sujeitos é: “eles só nos sugam sem dar nada em troca”. Na primeira vez que os procurei pude perceber certa indisposição. Não procuravam dissimular seus sentimentos, pelo contrário, deixaram bem claro que não gostavam da presença de estudantes, principalmente, os que estavam concluindo o curso. Para Fonseca: “A reação do ‘nativo’ diante da nossa pessoa – seja ela de dissimulação, adulação, hostilidade, franqueza ou indiferença – é um dado fundamental da análise que diz muito sobre relações de desigualdade e dominação...” (1999, p. 65). Mas um dos atletas se dispôs a me ajudar.

Desta vez, contudo, um fato ocorrido ao acaso, descrito na introdução deste trabalho, facilitou a minha entrada no campo. Sendo assim, a princípio, me apresentei

somente como mãe de um aluno e mais tarde, quando perceberam que meu interesse não era passageiro e já demonstravam confiança me apresentei como pesquisadora, solicitando permissão para a realização da pesquisa.

3 ANTES DE ENTRAR NO CAMPO

Iniciei minhas observações pelo local onde as aulas de basquete em cadeira de rodas são ministradas aos adolescentes e crianças – o CETE. Durante essas observações vivenciei várias situações e desempenhei diferentes papéis: investigadora, ajudante, professora e, também, aluna. Sentada em uma cadeira reaprendi a me movimentar, a driblar e a arremessar. Assim, poderia ter iniciado esta pesquisa pela quadra, focando os alunos e o professor, através de uma observação participante.

Contudo, opto por iniciar pelos espaços ao redor da quadra: vestiário, bancos e arquibancada onde alunos, pais e cadeirantes adultos interagem livremente. Nesses espaços, percebi os atores criticando, incentivando, trocando vivências e repensando atitudes e imagens: “esta gurizada é o nosso orgulho” (Pedrinho, atleta adulto, ao lado da quadra); “voltamos para casa. Tirei vários móveis de dentro de casa, comprei uma cadeira de rodas e começamos uma nova vida. Hoje, Felipe estuda de manhã, faz um estágio à tarde e eu voltei a trabalhar” (mãe de Felipe, contando as demais como reagiu ao saber que o menino não voltaria a caminhar). Os assuntos e situações vivenciadas nesses redutos se associavam a outras experiências anteriores que me levaram a refletir sobre a imagem social do sujeito com deficiência.

O objetivo principal deste capítulo é trazer algum conhecimento para que o leitor possa entrar em campo com uma pequena “bagagem”. Começarei falando sobre a imagem social do sujeito com deficiência. Imagem construída no senso comum sobre o que se imagina ser a vida de um sujeito com deficiência. Trago para o texto algumas situações que ocorreram durante o tempo que tenho vivido ao lado desses sujeitos. Para que o leitor entenda “o lugar de onde falo”, esclareço que sou funcionária, há quase vinte anos, numa fundação que abriga sujeitos com deficiência. Estive junto de alguns desde a fase de bebê até o final da adolescência, com outros, desde a adolescência até a vida adulta. Com esses sujeitos brinquei em praças e parques, conheci a roda-gigante, ouvi as reclamações dos

professores, as preocupações médicas e as queixas dos vizinhos. As situações que trago fazem parte dessa experiência que foi revolvida pelas situações vivenciadas nos espaços periféricos à quadra.

Em seguida, me aproximando do objeto de pesquisa, descrevo o lugar – o CETE - e os atores envolvidos no projeto “Piá Basqueteiro”. Então, entro em campo, mas me volto inicialmente para os espaços periféricos através dos quais o leitor poderá entender o que existe para além da quadra e em que medida isto está conectado com o basquete. Paralelamente às vinte observações realizadas no CETE, observei, também, situações fora desse ambiente: dois jogos pelo campeonato gaúcho, ocorridos no Tesourinha e no CETE, cinco treinos realizados no Tesourinha com a equipe adulta; um almoço no dia 19/12/2009, no parque Harmonia, onde estiveram presentes os atletas do basquete em cadeira de rodas e os do atletismo; crianças e adolescentes do projeto “Piá Basqueteiro”, os familiares. Finalmente, aproveitando essa “bagagem” que vai sendo organizada ao longo do trabalho, volto minha atenção, e a do leitor, para o que acontece em quadra – o jogo.

3.1 A Imagem do Sujeito com Deficiência

Quando utilizo o termo imagem do sujeito com deficiência não estou me referindo à auto-imagem, termo muito utilizado na psicologia, onde segundo ADAD: “o autoconceito (auto-imagem) se refere a um conglomerado particular de idéias e atitudes que possuímos a respeito da nossa consciência num dado tempo” (1991, p. 112).

Refiro-me, sim, às imagens construídas no senso comum sobre o sujeito com deficiência e sobre o que seja a vida desses sujeitos. Essas imagens habitam o nosso inconsciente e vêm à tona quando somos colocados diante desses sujeitos seja através de fotos ou pessoalmente; são as primeiras imagens que vêm à tona, quando a maioria das pessoas escuta a palavra “deficiente”. Certa vez, realizando um trabalho para a faculdade, transferia, em uma loja especializada, algumas fotos de atletas do atletismo em cadeira de rodas para um CD-R. Quem me atendia era a dona da loja. Lá pelas tantas, depois de já haver passado uma série de fotos para o dispositivo, ela me olha e diz: “não vai me dizer que eles são pessoas felizes?”. As fotos mostravam imagens de sujeitos com deficiência

praticando esporte, aparentemente felizes. Isto não correspondia à imagem que ela fazia desses sujeitos, por isso sua surpresa.

Mais ou menos na mesma época, ocorreu outra situação que completava essa idéia: estava assistindo a um filme, “Os Melhores Dias de Nossas Vidas”, acompanhada de um menino cadeirante, na época, com onze anos, onde o enredo girava em torno de dois adolescentes que estavam quase entrando na idade adulta, ambos com deficiência física, moravam em uma instituição privada mantida por freiras. Amigos inseparáveis aprontavam inúmeras peripécias enquanto lutavam pelo direito de morarem sozinhos. Ao final do filme perguntei ao menino se ele havia gostado e ele me respondeu: “sim, mas não entendi uma coisa, porque o filme é classificado como drama?”. Sem saber o que dizer, perguntei como ele classificaria o filme ao que me respondeu: “como um filme de aventura”. Esses dois episódios mostram a mesma imagem do sujeito com deficiência. São imagens “permeadas por uma concepção de deficiência... esta concepção implica que estamos situando o deficiente em relação aquilo que também imaginamos ser a sua própria vida” (RIBAS, 2003, P 8). E, se sua vida é um drama, o provável é que esses sujeitos sejam infelizes.

Apesar do termo “auto-imagem” estar relacionado com o *self*, há de se considerar que sua formação acontece em relação a esta imagem social que pré-existe ao indivíduo. Mesmo a psicologia não deixa de considerar este aspecto na construção da auto-imagem: “Também podemos encará-lo (o autoconceito ou auto-imagem) como uma estrutura cognitiva organizada derivada das experiências do nosso próprio *self*”. Afinal, o que são “experiências do nosso próprio *self*”, se não as relações que os indivíduos mantêm entre si, se não o convívio social. A imagem e, também, a auto-imagem são formadas dentro de uma cultura, de acordo com os valores da mesma.

A palavra deficiente está em oposição às palavras: eficiente, eficaz e capaz. Por sua vez, aquele que não é eficiente, eficaz ou capaz, conseqüentemente, não será independente ou autônomo. Sabemos, nós que vivemos em uma cultura capitalista, o valor de tais termos.

O “corpo deficiente”, ou seja, aquele que não “funciona como deveria” está, também, em oposição ao que é “normal”. É um corpo que não se encaixa na normalidade. Para RIBAS:

Toda pessoa considerada fora das normas e das regras estabelecidas é uma pessoa estigmatizada. Na realidade, é importante perceber que o estigma não está na

peessoa ou, neste caso, na deficiência que ela possa apresentar. Em sentido inverso são valores culturais estabelecidos que permitem identificar quais pessoas são estigmatizadas. (2003, p. 16)

Dizer que a pessoa com deficiência é estigmatizada já se tornou um chavão, bem como falar em inclusão. Quais são esses estigmas? Como é construída a imagem do sujeito com deficiência? Relatarei algumas cenas que presenciei nesses longos anos de convivência com esses sujeitos:

Cena 1- os intelectuais:

No ano passado procurei o professor que me orienta nesta pesquisa. Depois de haver lhe relatado as idéias sobre o meu projeto de pesquisa e a ligação deste com minha vida profissional e pessoal, ele aceitou ser meu orientador. Logo em seguida, durante uma conversa informal, perguntou: “Teu filho é um intelectual?”. Respondi que não, por entender que a palavra intelectual estava sendo utilizada em relação ao gosto por leituras, estudo e pesquisa. Então, ele completa: “Ele gosta dos esportes?”. Ao que respondi que: sim, muito. No imaginário social o sujeito com deficiência é alguém cuja condição física o deixa mais propenso às atividades intelectuais que às motoras.

Cena 2 – os feios:

Trabalho em uma instituição que abriga crianças com deficiência. Neste ambiente tenho observado uma gama enorme de situações que expressam a maneira como o sujeito com deficiência é visto pelos funcionários. Trabalho diretamente com um grupo de nove indivíduos deficientes, a maioria com paralisia cerebral, com idades entre 14 e 35 anos. Entre esses, há um rapaz de 23 anos muito bonito: corpo forte e músculos definidos, os ombros largos e eretos lembram um nadador. Os comentários tecidos sobre sua beleza são, muitas vezes, nessa linha: “Fulano, seria tão bonito...” disse-me uma colega, como tínhamos certa intimidade, lhe perguntei por que falava aquilo. Ao que me respondeu:

- “Sim, porque ele tem um rosto bonito e uma postura... Olha os ombros dele.”
- “Bem, então, ele é bonito e não seria”, argumentei, enfatizando o “é”.
- “Não, ele seria se fosse normal”, respondeu-me ela.

Sempre que ouço comentários desse tipo, lembro de Brás Cubas, personagem de Machado de Assis. Estava, Brás Cubas, visitando uma velha amiga, na Tijuca. A mãe de Brás havia morrido recentemente e ele se encontrava numa velha propriedade da família. Seu interesse, na verdade, estava voltado para a filha de sua amiga que acabara de

conhecer. Caminhavam pela chácara, quando Brás notou que: “Eugênia coxeava um pouco, tão pouco, que eu cheguei a perguntar-lhe se machucara o pé. A mãe calou-se; a filha respondeu sem titubear: - Não, senhor, sou coxa de nascença”. Na hora, Brás, amaldiçoou seu comportamento “Mandei-me a todos os diabos; chamei-me desastrado, grosseirão”, no entanto, quando voltava para casa, sozinho pela estrada e depois em seu quarto, um pensamento lhe martelava: “O pior é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa! Esse contraste faria suspeitar que a natureza é às vezes um imenso escárnio. Por que bonita, se coxa? Por que coxa, se bonita?” (ASSIS, 1982, p. 64).

O corpo diferente foge à normalidade. Se não é considerado “normal”, também, não poderá ser considerado bonito.

Cena 3 - os doentes:

No local onde trabalho há, mais ou menos, 70 sujeitos com deficiência, na faixa etária de 1 a 50 anos. A grande maioria com paralisia cerebral, não falam, nem caminham. Alguns chegam ainda jovens à instituição. Retirados de suas famílias, são encaminhadas para o abrigo via Juizado da Infância e da Juventude. Apesar de alguns terem sérios comprometimentos de saúde, vários não têm. Mas o atendimento tem sua ênfase na saúde e numa visão de saúde como “ausência de doença”. Muitos funcionários se referem ao local como sendo um “mini-hospital”. Isso acontece porque a imagem do sujeito com deficiência está fortemente vinculada a de doente. Dentro desta visão de saúde as questões referentes à educação e ao lazer se tornam secundárias.

Cena 4 – os sujos:

Esperávamos, eu e um colega, ao lado da Kombi, a última menina chegar para levarmos um grupo de crianças à escola. Ela chega arrumada e sorridente, porém, com as mãos sujas. Meu colega a repreende: “olha as tuas mãos, que sujeira! Parece uma indigente”. A menina entra na condução sem falar nada. Tempos depois percebo situação semelhante em minha casa, onde os corredores são manchados, porque meu filho ao se locomover, utiliza as paredes para se empurrar. Algumas pessoas se mostram muito incomodadas com as manchas do corredor.

As imagens sociais dos sujeitos com deficiência aqui apresentadas: intelectuais, feios, infelizes, doentes e sujos foram apresentadas por sujeitos não deficientes.

Então, pergunto, no contexto paradesportivo, quais as imagens do sujeito com deficiência? Como os sujeitos se percebem? Como os sujeitos próximos a eles os representam?

3.2 Onde e Como Acontece esse Basquete

As aulas do projeto “Piá Basqueteiro”, acontecem no CETE (Centro Estadual de Treinamento Esportivo), quatro hectares de uma área no bairro Menino Deus, em Porto Alegre. A propriedade pertencia a Metalúrgica Favareto, mas foi desapropriada em 1963. O centro, atualmente, é administrado pela FUNDERGS (Fundação do Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul), órgão vinculado a Secretária de Turismo, Esporte e Lazer, criada em 2001. No site dessa Fundação encontro como sua missão: “garantir e fomentar as práticas de esporte e do lazer, como é de direito a todas as pessoas e grupos sociais, independente de idade, gênero, etnia ou renda e da capacidade física e sensorial, em todo o território do Rio Grande do Sul”.

No Correio do Povo, de 29 de março de 2010, caderno de Esportes Especial saiu uma matéria: “Revitalização do CETE sairá do papel”. A reportagem de uma folha inteira noticia a liberação de uma verba federal para reforma do centro esportivo. Traz também informações quanto aos seus espaços internos e quais as modalidades esportiva oferecidas à população: uma pista de atletismo, freqüentada, segundo o coordenador técnico, por 1,5 mil pessoas por dia; um ginásio de lutas, sede do projeto social do judoca João Derly; um ginásio de ginástica olímpica onde a ginasta Daiane dos Santos iniciou sua carreira e que agora, desativado, virou depósito de entulhos; praças para recreação infantil; um corredor onde se encontram as sedes de algumas federações gaúchas como, por exemplo, xadrez, judô, boxe, karatê; um ginásio poliesportivo onde ocorrem aulas gratuitas de várias modalidades, ginástica localizada, futebol, badminton, vôlei, basquete. O basquete em cadeira de rodas não foi citado.

No CETE as aulas acontecem no ginásio poliesportivo, aos sábados pela manhã. Há, também, nesse local um mezanino onde funciona uma academia de musculação cujo acesso se dá através de escadas.

As atividades são oferecidas gratuitamente à população, sendo as aulas ministradas

por estagiários de Educação Física.

O espaço reservado ao basquete em cadeira de rodas nesse centro esportivo foi conquistado através de ações judiciais movidas por sujeitos com deficiência física, atletas da equipe adulta de basquete em cadeira de rodas, perante os órgãos públicos do estado e do município.

O ginásio onde acontecem as aulas fica próximo a um dos portões de entrada. Os atores – cadeirantes adultos, alunos, pais, responsáveis e o estagiário - costumam se encontrar no bar, em frente ao ginásio de onde observam a pista de atletismo e sorvem um chimarrão.

Na primeira aula, os cadeirantes adultos esperam a chegada de todos os alunos. O grupo reunido é guiado ao vestiário. Atravessam um corredor com paredes marcadas por mãos. A julgar pela altura das manchas, poderiam ser mãos de crianças, mas não. São as mãos dos cadeirantes. Benito, cadeirante adulto, fala: “é fácil achar o vestiário, é só seguir o preto das paredes”. E justifica, se referindo ao contato sistemático com o pneu da cadeira de rodas: “Mão de cadeirante está sempre suja”.

Depois de cruzar o corredor, o grupo entra na quadra onde caminham alguns metros paralelamente à linha de fundo da quadra e chegam ao vestiário.

Já nas primeiras aulas, identifico o vestiário como um espaço que merecia maior atenção. O espaço é pequeno, ocupado, principalmente, por alunos, pais e cadeirantes adultos. Há muitas cadeiras e os sujeitos ficam próximos um dos outros. Lugar fértil para quem procura os significados que os sujeitos atribuem a sua prática esportiva. No vestiário, ouvi conversas e percebi olhares, enquanto os alunos trocavam de cadeira. Nesse espaço, onde os cadeirantes adultos ensinam aos alunos a transferência de cadeiras são discutidas as imagens do sujeito com deficiência e a postura dos mesmos diante dessas imagens.

Mais importante do que conhecer esses espaços físicos é entender como os diferentes atores aqui envolvidos os ocupam:

Delimitar o cenário significa identificar marcos, reconhecer divisas, anotar pontos de intersecção – a partir não apenas da presença ou ausência de equipamentos e estruturas físicas, mas desses elementos em relação a prática cotidiana daqueles que de uma forma ou de outra usam o espaço: os atores (MAGNANI, 1996, p. 17).

Depois de todos os alunos estarem nas cadeiras de jogo, o grupo se divide. Os alunos entram para a quadra e os demais ocupam os lugares ao redor na mesma: bar, bancos para a platéia, do lado de fora da quadra, e bancos ao lado da quadra. Nas primeiras aulas, os responsáveis ocupam os bancos para a platéia e os cadeirantes adultos os bancos ao lado da quadra. Com o tempo começam a se misturar, ora os responsáveis entram para a quadra, ora os cadeirantes adultos ocupam os bancos da platéia.

Durante a parte inicial da aula, o pessoal que ocupa os contornos da quadra se distrai com conversas, jornais e cafés. Contudo, na parte final, quando o jogo propriamente dito acontece, as atenções se voltam para a quadra. As conversas paralelas cessam. Agora, todos se entregam ao prazer do jogo.

3.3 Os Atores

No centro desse projeto se encontram os cadeirantes adultos, atletas do basquete em cadeira de rodas, detentores dos conhecimentos práticos relativos à modalidade e os idealizadores desse espaço.

Formando, atualmente, a equipe do RS Paradesporto, conhecida como “os Guerreiros”, esses atletas treinavam no ginásio do Ararigbóia (uma praça pública localizada no bairro Jardim Botânico), onde os encontrei pela primeira vez, em 2003. Em 2004, o grupo se dividiu: alguns foram jogar na Pontifícia Universidade Católica (PUC) e outros permanecerem no local, mas decidiram procurar um lugar mais central que facilitasse o deslocamento dos atletas.

Pleitearam, então, perante a Secretaria Municipal de Esportes, um horário no ginásio Osmar Fortes Barcelos - o Tesourinha. Foi-lhes dado o horário das 12h às 14h, duas vezes por semana. O local era acessível, porém, o horário impedia a participação de muitos cadeirantes que trabalhavam. Durante alguns anos, treinaram nesse horário, mas dos vinte atletas que compunham a equipe, apenas seis estavam participando dos treinos. Então, pararam.

Já haviam enviado ofícios à FUNDERGS solicitando um horário no CETE para os treinos da equipe e para a implantação de um projeto paraolímpico dedicado às crianças com deficiência. Como não haviam recebido resposta aos ofícios encaminhados, entraram

com uma ação na Promotoria de Justiça dos Direitos Humanos de Porto Alegre a qual encaminharam um dossiê sobre as investidas do grupo (anexo).

Foi, assim, através de litígios, que conquistaram dois horários noturnos durante a semana no ginásio Tesourinha e três horários no ginásio do CETE, sendo o horário de sábado reservado às crianças e adolescentes: a Escola Paraolímpica, que inicia com o projeto “Piá Basqueteiro”.

Ficou estabelecido um acordo: a FUNDERGS cederia o espaço e um estagiário, ficando a promessa de compra de tabelas para o local; a Secretaria Municipal de Esportes se comprometeria com a compra de cadeiras para as crianças e adolescente e os atletas emprestariam as cadeiras para dar início às aulas e acompanhariam a turma, repassando os conhecimentos necessários ao estagiário.

Durante as aulas iniciais havia sempre a presença de pelo menos um dos cadeirantes adultos: Renato, Pedrinho e Benito. Logo, o projeto contou com a participação dos sujeitos com deficiência desde sua elaboração até sua execução.

Quando os cadeirantes adultos pleiteavam a oferta do esporte para as crianças com deficiência também tinham interesses próprios. Isto é, pensavam numa forma de renovar a sua equipe. Em sua imersão pelo mundo do paradesporto, Novaes relata alguns dos problemas enfrentados pela equipe do RS Paradesporto: “... a falta de renovação dos atletas e a pouca divulgação do trabalho realizado pela instituição...” e “... a criação de uma escolinha de basquete em cadeira de rodas para crianças e iniciantes...” como “uma iniciativa no sentido de minimizar estas dificuldades” (2006, p. 81).

As aulas estavam programadas para serem oferecidas às crianças e adolescentes com deficiência de oito a dezesseis anos. Contudo, nas primeiras aulas, surgiram crianças mais jovens, uma mulher e dois meninos sem deficiência interessados em participar das aulas. Todos foram aceitos sem empecilhos. A turma de alunos ficou composta por: três crianças, dois meninos e uma menina, de sete anos e todos com deficiência física; sete adolescentes com deficiência, cinco meninos e uma menina e dois adolescentes meninos sem deficiência. O projeto visava a oferta do basquete em cadeira de rodas para crianças e adolescentes, mas também tinham como objetivo encaminhar e preparar os garotos interessados no esporte competitivo. A turma de alunos ficou formada por alguns interessados na carreira esportiva e outros no lazer.

Algumas vezes, são elaborados modelos de sujeitos com deficiência como se fossem sujeitos homogêneos. No grupo de basquete observado a diversidade salta aos olhos. Dentre eles há meninos e meninas, há crianças e adolescentes e há adultos. Alguns com lesões congênitas, outros com lesões adquiridas e, ainda, aqueles que não têm nenhuma lesão. Há os que utilizam cadeiras e os que utilizam muletas. A condição social também não é a mesma. Alguns exemplos dessa diversidade podem ser dados.

Rose, 07 anos, não mora com a família, mas numa instituição. Chega ao CETE numa Kombi da instituição e acompanhada de um educador que lhe presta o auxílio necessário. Leandro, 14 anos, chega com os pais e um amigo sem deficiência. Sempre chegam cedo porque utilizam o transporte público adaptado cujos horários são fixos e esparsos. Moram numa vila irregular que fica a uns 20 minutos do CETE. Sua mãe trabalha em um bar, próximo a sua residência. O patrão conhece a família e mantém com ela um horário flexível, possibilitando que ela atenda ao filho quando necessário. Seu pai tem um trabalho informal. Vítor, 13 anos, chega de carro em companhia dos pais e de Carla, cadeirante de 14 anos, amiga do menino. Os pais são funcionários públicos. Pedrinho, 36 anos, chega sozinho, em seu carro. Retira de trás do banco do motorista, sua cadeira, a monta do lado de fora, realizando em seguida sua transferência para a mesma. Vai até o porta-malas e pega uma caixa de ferramentas. É funcionário federal. Renato, 39 anos, mora na zona sul. Utiliza o transporte público adaptado. No momento, está desempregado.

No bar, todos reunidos, mochila dependurada atrás da cadeira e roupas esportivas. Os atletas adultos usam abrigos da equipe e Pedrinho uma camisa pólo, de um lado bordada a bandeira do Rio Grande do Sul e do outro a palavra: atleta.

Entre eles há aqueles que já nasceram com a deficiência ou convivem com ela há vários anos, vítimas de traumatismo medular (quedas, acidentes de trânsito ou bala perdida) e aqueles cujo convívio com a deficiência é recente, ou seja, o trauma ocorreu há pouco tempo.

Compondo o grupo de atores aqui envolvidos há, também, os pais e responsáveis, no caso das crianças que estão institucionalizadas. Estes auxiliam nas tarefas braçais de difícil realização pelos cadeirantes como, por exemplo, a montagem das tabelas. Formada por grandes estruturas pesadas e utilizadas até dezembro de 2009, quando foram adquiridas pela FUNDERGS as novas tabelas. São seis pais e seis mães. Algumas vezes, ambos

acompanham os alunos, outras, apenas um. “O pai teve que trabalhar, hoje” ou “A mãe ficou fazendo uma limpeza em casa”, são frases ditas freqüentemente.

Além de todos esses sujeitos há, por fim, o estagiário do CETE. Durante a semana, este ministra as aulas de voleibol, ginástica localizada, recreação e outras. Em uma conversa informal ao final de uma aula, ele conta aos cadeirantes adultos a reação dos estagiários quando o coordenador do local disse que precisaria de alguém para ministrar as aulas de basquete em cadeira de rodas: “ninguém queria”.

Todos aqui estão envolvidos de alguma forma com o basquete em cadeira de rodas, mas ocupando espaços e funções diferentes.

4 O BASQUETE NOS ESPAÇOS PERIFÉRICOS

Agora que o leitor já está preparado para entrar em campo, falarei sobre o basquete em cadeira de rodas, mas ainda ocupando e focando os espaços ao redor da quadra. Num primeiro momento, minha presença no vestiário e nos bancos ao redor da quadra do CETE me permitiu desvendar o basquete para os sujeitos que ocupam esses espaços: cadeirantes adultos, responsáveis, pais e mães.

Em seguida, procurando entender como o esporte se insere na vida dos atores aqui envolvidos, saio do CETE e faço observações sobre algumas competições do basquete em cadeira de rodas - duas pelo campeonato gaúcho de basquete em cadeira de rodas e um torneio amistoso em Lajeado que tiveram a presença de um ou mais dos garotos do projeto Piá Basqueteiro; sobre um churrasco de confraternização no Parque Harmonia que reuniu os atletas adultos do basquete e do atletismo, os alunos do projeto Piá Basqueteiro e alguns familiares e sobre os treinos com a equipe adulta, no ginásio Tesourinha, que tiveram a participação de alguns alunos do projeto “Piá Basqueteiro”.

4.1 No CETE

Durante oito meses observei as aulas de basquete em cadeira de rodas no CETE. Estive presente durante o processo inicial de formação do grupo. Quando pude observar que nenhuma das famílias que ali chegaram se conheciam. No entanto, algumas mães já conheciam alguns dos cadeirantes adultos, pois já os haviam procurado quando os filhos começaram a demonstrar o interesse pela prática esportiva.

Privilegio os espaços ao redor da quadra, por entender que são nestes que acontecem as trocas de maior relevância aos objetivos dessa pesquisa.

Através das releituras do diário de campo, elaboro três categorias de análise que podem ajudar o leitor a entender o basquete em cadeira de rodas praticado no CETE.

4.1.1 “Vestindo a cadeira”

Espaço existente em quase todos os ginásios esportivos, o vestiário, destina-se à

troca de roupas, porém esse se destina a troca de cadeiras. Com cadeiras de vários tamanhos, bolas e cesta desmontável o espaço virou um alvoroço quando chegaram os cinco alunos que iniciaram o projeto Piá Basqueteiro para sua segunda aula. Além dos meninos, pais e cadeirantes adultos ocuparam o espaço.

Os cadeirantes adultos têm uma posição de destaque. Eles são o ponto de referência para quem chega ao local. Nesse espaço, o vestiário, são os responsáveis pela distribuição das cadeiras de jogo que diferem das cadeiras de passeio. A cadeira de jogo possui as duas rodas grandes cambadas³, duas pequenas à frente e uma ou duas atrás. Há uma barra horizontal na frente da cadeira que protege os atletas durante os choques e há algumas amarras ou cintos que são utilizados para que o corpo do atleta fique acoplado à cadeira de rodas.

Os alunos são atendidos um a um por Benito, Pedrinho e Renato (cadeirantes adultos). Enquanto Pedrinho escolhe a cadeira que os garotos usarão, Benito ensina a realizar a transferência⁴. Demonstra e vai dizendo: “primeiro tu arruma as pernas, agora coloca a mão direita aqui, a mão esquerda ali e com um impulso tu passa para a outra cadeira”. Os alunos que convivem há tempo com a deficiência - Vítor, Leandro e Felipe - já sabem como fazer e têm seu próprio método para realizar a transferência. Porém, Márcio, atingido há alguns meses por uma bala, escuta com atenção e tenta executar, mas necessita da ajuda dos responsáveis.

Depois de sentados, os alunos aprendem a utilizar as amarras e cintos, acessórios usados para prender o corpo do aluno à cadeira de jogo, servem para facilitar o controle da cadeira e para que o aluno não caia da mesma nos contatos que ocorrem durante o jogo, são confeccionados pelos próprios atletas. Geralmente, são usadas na altura de cada articulação dos membros inferiores (quadril, joelho e tornozelo), mas diferem de aluno para aluno. Segundo os atletas, os cintos devem estar bem ajustados para facilitar o controle da cadeira: “quando bem ajustada, responde de imediato a qualquer movimento do corpo”. Somente Felipe consegue apertar as amarras. Os demais necessitam ajuda. Para os alunos, os cadeirantes adultos dizem: “a cadeira é as tuas pernas, tu tem que controlar ela”. Para os pais eles dizem: “é como se fosse o tênis, tem que estar certinho no pé” e vão apertando e

³ Inclinação diagonal das rodas grandes.

⁴ Passagem de um local para o outro, neste caso, da cadeira de passeio para a de jogo.

prendendo.

No final, cintos já ajustados, os atletas adultos observam o posicionamento dos alunos. Procuram se certificar de que escolheram a cadeira que fica mais bem adequada às características físicas de cada um: “mas certeza só teremos quando estiverem se movimentando em quadra”.

Quando o primeiro aluno sai para a quadra, seus pais pegam uma armação das tabelas e levam para a quadra. Os demais pais fazem o mesmo. E, assim, os pais montam as tabelas. São essas as atividades realizadas no vestiário, levam, nas primeiras aulas, de 30 a 40 minutos. Com o tempo, a prática reduz o tempo gasto com essas atividades.

Durante a aula, Pedrinho e Benito, observaram o posicionamento dos garotos e perceberam que algumas alterações serão necessárias. Vítor, por exemplo, precisa de algo que fixe seus pés no respectivo “*apóia-pés*” da cadeira. Leandro necessita com urgência de uma cadeira sob medida, como os seus joelhos não flexionam, os pés do menino ficam expostos à frente da barra protetora horizontal. Até que as cadeiras novas fossem compradas pela Secretária Municipal de Esporte, utilizaram uma amarra maior para prender os pés do garoto.

Para ocupar a quadra o quanto antes, os alunos aceitam de bom grado a ajuda dos pais e dos responsáveis seja para as transferências, ajuste dos cintos ou calibragem dos pneus. Comportamento criticado pelos atletas adultos, que foi observado e registrado no diário de campo:

Leandro chegou atrasado. Seu pai foi logo pegando a cadeira de jogo, colocando em frente do garoto e fazendo ele mesmo a transferência. Renato (atleta adulto) olha para o garoto e diz: “Tu tem que fazer isso sozinho”. Depois de uma pequena pausa, acrescenta: “é preciso ter orgulho”. O menino sacode os ombros e em seguida diz que sabe fazer sozinho.
--

Novaes participando de um evento paradesportivo, também observa o vestiário, pouco antes de uma prova do atletismo: “no momento da passagem, de uma prótese [cadeira] à outra, utilizaram o apoio de muletas e dos bancos do vestiário, não solicitando a ajuda dos recrutados” (2006, p. 77). O autor considera que a autonomia e independência são exigências do esporte.

Nas situações que acontecem no ambiente do vestiário, os atletas adultos levantam,

também, questões da vida particular dos alunos nas quais a independência, ainda, não foi alcançada. Durante a transferência de cadeira, Pedrinho questiona Vítor: “O que? Tu, ainda, não sabe amarrar os cadarços sozinho?” O menino sai sem responder e na quadra quando encontra Vinícius, que usa os cadarços enfiados para dentro dos tênis, diz: “Prá que amarrar, se não vou tropeçar?”.

A imagem social construída sobre os sujeitos com deficiência é tensionada frente à imagem do atleta. Para Woodward: “Podemos viver, em nossas vidas pessoais, tensões entre nossas diferentes identidades quando aquilo que é exigido por uma identidade interfere com as exigências de uma outra” (2009, p. 32)

No vestiário, os cadeirantes adultos contestam a imagem de dependente do sujeito com deficiência: “deixa ele fazer sozinho” (Renato); “não dá para fazer por ele, tem que ensinar a fazer” (Benito). Os pais nada dizem, nesses momentos, apenas escutam.

Quando as mães se encontram a sós, comentam: “o que tu acha? Pedrinho disse que Leandro já tem idade para ir sozinho para a escola. Acho que vou deixar.” (mãe de Leandro).

4.1.2 A equipe de apoio

Quando o leitor chega aqui, já tem, pelo menos, alguma idéia do que quero dizer quando falo em equipe de apoio: um grupo de pessoas que presta auxílio nas tarefas com pouca visibilidade em um evento esportivo. O sujeito que fica por trás do atleta. Aquele que carregará suas varas, seus tacos, suas raquetes... Seu ajudante.

As pessoas têm diferentes identidades, pois assumem diferentes papéis em diferentes lugares e cada um exige novos ajustes quanto à maneira de agir, de falar, de se comportar. O outro, aquele com o qual estamos nos relacionando, também, poderá provocar mudanças em nosso comportamento. Proponho que pensemos sobre o papel de ajudante, fazendo a seguinte reflexão: imagine um atleta, masculino, famoso, que está no topo da carreira esportiva. Você é ajudante dele. Carregará seu material esportivo durante uma competição. Como será seu comportamento? Como falará com ele? Como se sentirá na execução de sua tarefa? Agora faça os mesmos questionamentos sendo você ajudante de um atleta do paradesporto.

Figura presente em qualquer evento esportivo, o ajudante, no paradesporto, executa tarefas que exigem um contato direto com os atletas. Sua presença é importante, mas é necessário que haja um cuidado quanto a sua forma de agir.

No ano de 2004, uma competição paradesportiva, em Porto Alegre, incluiu as modalidades: atletismo, halterofilismo, tênis de mesa, tiro paraolímpico e natação. Além do chefe de delegação, do técnico e dos atletas fizeram parte da equipe os voluntários de apoio, a quem:

... cabe a responsabilidade do transporte e manutenção do material da delegação. Encarregam-se das malas, bolsas e equipamento de uso comum, dos aparelhos de competição às próteses de performance e, quando necessário, auxiliam os cadeirantes em seus deslocamentos. A relação que estabelecem com os atletas cadeirantes é de respeito e cooperação com certo grau de profissionalismo, mas para isso seguem regras de convivência... (NOVAES, 2006, p. 76).

No contexto esportivo onde realizo a presente pesquisa, pude observar que os pais e responsáveis, não são os únicos, mas os principais ajudantes. Eles formam o que chamei de equipe de apoio. São encarregados do transporte dos alunos, ajudam nas transferências, montam as tabelas, etc. É muito provável que o jovem com deficiência só pratique esporte se contar com o apoio desses sujeitos. Por sua vez, estes somente apoiarão seus filhos se os perceberem como sujeitos capazes.

Os relacionamentos mantidos entre os responsáveis e os adolescentes ou crianças, no contexto observado, não são homogêneos, não estão regidos por nenhum acordo pré-estabelecido, também, não é um relacionamento profissional. Enquanto alguns responsáveis se colocam somente como alguém que auxilia, sem retirar a autonomia dos alunos, mantendo uma relação de respeito e garantindo a participação dos adolescentes na tomada de decisão:

0407 - O pai de Leandro o chama, durante a aula, num canto da quadra: ‘temos que ir agora. Hoje, o ônibus passa mais cedo’, e o menino contrapõe “ou podemos pegar um ônibus comum e tu me sobe no colo”. O pai pensou durante algum tempo e acabou por concordar com o garoto (diário de campo).

Outros têm uma concepção na qual não é o sujeito com deficiência quem sabe distinguir sobre a melhor decisão a tomar, mas o educador, o médico, o psicólogo, o

fisioterapeuta. Esses responsáveis são menos flexíveis e mais impositivos:

03/10 - Leandro e Vítor faziam gracinhas o tempo todo, insistindo em dar balõezinhos nos adversários. Diego, indignado com as provocações, comete várias faltas, ao tentar, de qualquer forma, tirar a bola deles. O responsável por Diego, que observa o jogo ao lado da quadra, chama a atenção do jovem de forma ríspida e enérgica. O menino, então, responde baixando a cabeça e reclamando de dor no joelho (diário de campo).

Poder-se-ia pensar que esta diferença ocorre pelo fato de Diego morar em uma instituição na qual os sujeitos se encontram sob normas mais severas e onde os educadores não são os pais.

No entanto, episódio semelhante aconteceu entre mãe e filho. André, 15 anos, fora levado até o CETE pela mãe. Esta soubera da atividade, assim como os demais alunos, através do trabalho de “garimpo” realizado pelos atletas adultos. A Kombi da Secretária de Acessibilidade buscou o garoto em casa. Na sua primeira aula, a mãe estava aflita e com medo. O menino, contudo, após a primeira volta na cadeira, comentava: “é mais leve, mais veloz, mais fácil para movimentar”. No final da aula, lhe perguntei se havia gostado e se voltaria. Cabisbaixo, respondeu: “Eu gostei muito, mas quem decide é a mãe”. Retornou depois de um mês e de várias discussões com a mãe.

Geralmente, os pais são responsabilizados pelo estreito repertório motor dos filhos, contudo, tanto na oferta de atividade física quanto na formação da identidade do filho com deficiência, as famílias não se encontram isoladas: “as famílias não vivem num vazio social” (Elias, 2000, p. 189). Elas estão inseridas numa cultura e, portanto, imbuídas dos valores dessa cultura. Quando uma família recebe um filho com deficiência, ela já se encontra marcada pelos valores da cultura a qual pertence. Irá, portanto, criar seus filhos de acordo com esses valores. Para Ribas, as famílias: “receberam toda carga ideológica que reina no interior de nossa cultura. Desse modo, as reações podem ser as mais variadas: rejeição, simulação, segregação, superproteção, paternalismo exacerbado, ou mesmo piedade” (2003, p. 52).

Ocorreram situações nas quais os adultos com deficiência procuraram estabelecer limites na atuação da equipe de apoio conforme registro no diário de campo:

04/07 - Quase todos os pneus estavam murchos. Pais, cadeirantes adultos e Fábio (aluno sem deficiência) se põem a enchê-los. Mas, depois de todos em quadra, Pedrinho diz: “temos que ensinar esses piás a arrumarem suas cadeiras, eles precisam saber fazer isso”;

18/07 - Estava no vestiário quando percebo que Inês está tentando superar o pequeno desnível existente na porta. Corro para ajudá-la e quando coloco as mãos no encosto da cadeira da aluna, sou recriminada: “Não, agora que eu estava conseguindo”. Meu embaraço é grande. Peço desculpas e me retiro envergonhada.

Apesar do auxílio que ocorre nas aulas de basquete não ser uma tarefa executada por profissionais, mas por sujeitos que convivem diariamente com os alunos, também, não é uma atividade realizada no ambiente privado. Há, aqui, a presença dos atletas adultos que controvertem as relações entre equipe de apoio e o sujeito com deficiência. O que acaba levando os pais a refletirem sobre quando e como ajudar.

4.1.3 A saúde no banco

A atividade física orientada para sujeitos com deficiência geralmente tem como um de seus objetivos a promoção da saúde. Afinal de contas, o doente é uma das imagens construídas sobre o sujeito com deficiência.

Quando nasce uma criança com deficiência ou logo depois de alguém tornar-se um deficiente, tem início um intenso convívio entre familiares e médicos. Estes darão as primeiras informações à família. Para Barbosa, isso poderá “determinar muitas vezes o modo como ela (família) vê a criança” (2009, p. 407). Caso este profissional tenha a visão de que a correção é o melhor tratamento e a família com ele concorde, tem início uma série de cirurgias que se estenderão por vários anos. Muitas vezes, qualquer tratamento alternativo será ignorado e a atividade física será prescrita conforme uma receita médica. Migliorin (2009) realizou um estudo de caso com um indivíduo cujo diagnóstico de poliomielite fora dado um ano e meio após o nascimento. Aos cinquenta e sete anos fora encaminhado, após a quinta cirurgia, para a prática de *jogging* aquático pelo ortopedista. Segundo a autora, esta atividade, aliada a sessões de alongamento e ginástica localizada, melhorou a força do membro inferior lesado. A resposta agradou ao ortopedista que acabou por liberar o paciente para outras atividades físicas até, então, proibidas.

A imagem de doente se opõe à imagem do atleta. Quando o sujeito com deficiência, seus familiares ou o grupo em que está inserido o vê como um doente, as possibilidades de qualquer prática esportiva estarão reduzidas, principalmente se forem atividades competitivas, pois há a crença de que “... os melhores benefícios trazidos pelo esporte à saúde do nosso corpo não provêm daqueles muito competitivos... O benefício maior está em esporte ou em atividades físicas recreativas, programadas e sequenciais...” (MARCZYK, 2001).

Os trabalhos acadêmicos na área da Educação Física que têm como tema a saúde do sujeito com deficiência são realizados, na maioria das vezes, através desse paradigma cartesiano e das correntes funcionalistas de pesquisa:

O positivismo e sua forma particular denominada funcionalismo sociológico têm sido as correntes de pensamento com maior influência e vigor na produção intelectual referente à questão das Ciências Sociais e a Saúde. [...] na medida em que são estas teorias que melhor se prestam para conservar e justificar a prática médica hegemônica e os enfoques práticos no tratamento dos doentes e das doenças” (MINAYO, 1994, p. 48).

A concepção de saúde, nestas pesquisas, utiliza como referência os aspectos biológicos e fisiológicos do corpo onde a saúde é entendida como *a ausência de doença*. Baseada na idéia de que o corpo é semelhante a uma máquina, se todas as peças estiverem bem, em perfeito estado e se funcionando dentro da “normalidade” este será um corpo saudável. Isto é: “concepção da saúde/doença como fenômeno apenas biológico individual em que o social entra, compreendido como modo de vida e apenas como variável, ou é desconhecido e omitido” (ibid. p. 49).

Contudo, essa não é a única concepção de saúde existente. As pessoas possuem diferentes concepções sobre saúde e doença e também diferentes formas de tratar a saúde, conforme a cultura a que pertencem.

No contexto estudado, as questões de saúde surgiram em um único local, nos bancos ao redor da quadra e apenas entre mães e cadeirantes adultos. Os alunos e os pais pouco participaram dessas discussões: “o cuidado de doentes foi, primordialmente uma atribuição da mulher no interior da família...” (MEYER, 1993, p. 47). Longe de ser um processo “natural”, a divisão das tarefas domésticas é uma construção social.

O assunto surgiu no terceiro sábado, quando as mães, depois de ajudarem os filhos nas tarefas realizadas no início da aula, se reuniram nos bancos reservados ao público, do

lado de fora da quadra. Ali trocaram experiências sobre as equipes médicas: “Ficavam me enrolando, dizendo que eu tinha que fazer isso e aquilo, mas nem eles sabiam ao certo. Foi somente quando fomos para o hospital Sarah Kubitschek⁵ que soubemos que o Felipe não iria mais caminhar” (mãe de Felipe); “o piá já estava a não sei quantos dias ardendo em febre e eles não sabiam mais o que fazer, tinha dado tudo errado” (mãe de Leandro).

Este foi um dos momentos que tive que opinar porque a situação assim exigia. Lembro ao leitor que ingressei neste grupo, a princípio, no papel de mãe de um aluno, situação que apesar de facilitar minha aceitação pelos integrantes, trouxe também dificuldades, pois foi necessário que redobrasse o cuidado, quando me encontrava no papel de pesquisadora buscando evitar o chamado “beber na boca do informante⁶” (VICTORIA, KNAUTH e HASSEN, 2000, p. 56). Procurei, durante o tempo da coleta de dados, não influenciar nos diálogos que ocorriam. Para tanto emitia minha opinião apenas quando necessário: “Vítor nasceu com espinha bífida e já fez inúmeras cirurgias. Algumas não lhes trouxeram nenhum benefício.”

A mãe de Ricardo apenas ouvia sem nada comentar, contudo, pouco depois, quando iniciou o jogo e as mães se levantaram para assistir próximas à rede, ela se vira para mim e comenta: “Ricardo nasceu com os tendões encurtados, suas pernas ficavam aqui em cima (apontou para a cintura). Já realizou uma série de cirurgias e têm outras tantas ainda por fazer”. Ricardo, sete anos, não era cadeirante. Caminhava com o auxílio de duas muletas, apoiando ambas as pernas no chão.

As mães demonstraram certo descontentamento com algumas equipes médicas com as quais mantiveram contato durante as fases de doenças nas vidas dos seus filhos. Nessa primeira conversa sobre saúde participaram somente as mães, que estavam recém se conhecendo. Nas aulas que se seguiram, porém, quando já estavam mais íntimas e se sentavam, também, junto aos atletas adultos, no banco ao lado da quadra, estes passaram a participar das discussões.

O atleta Paulão contou que fora procurar uma empresa que vende plano de saúde, a fim de conseguir patrocínio e que lhe fora dito que não poderiam ter o nome da empresa associado a um sujeito com deficiência: “afinal, vendemos plano de saúde”. Olhando para

⁵ Centro especializado em reabilitação motora, mantido com verba da união (site: WWW.sarah.)

⁶ Quando o pesquisador está tão próximo do grupo pesquisado que toma o discurso dos pesquisados como um dado real, deixando de fazer uma análise crítica desse discurso.

seu corpo, o atleta falou: “Não me considero um doente, muito que pelo contrário estou vendendo saúde” (Paulão, atleta adulto). Era 10h30min, Paulão, com aproximadamente 45 anos, estava sentado em sua cadeira de corrida, havia recém chegado do treino. Olhei para o dispositivo da cadeira que marca a distância percorrida e estava marcando 30 km. O atleta confirmou que essa era a distância que havia percorrido até o momento.

Imediatamente ao relato do atleta, a mãe de Felipe enfatiza as conseqüências dessa imagem. Há algum tempo havia inscrito o menino numa competição de natação que aconteceu em sua comunidade. No dia da competição ouvira de um dos participantes: “Por que você trouxe ele aqui?” A mãe demonstrando indignação complementou: “Imagem! Eles acham que o Felipe não deveria participar, que eu o estava expondo, mas foi ele quem quis”.

Em outros encontros, foram registradas outras falas referentes ao tema: “Antes, eu levava ao médico, agora, eu compro a medicação e já dou” (mãe de Leandro); “quando percebo que minha urina está diferente, muito escura, tomo muita água, o que, geralmente, é o suficiente para evitar alguma infecção urinária” (Pedrinho, atleta adulto); “Vitor, também, toma o chá de capim-cidró”.

Neste contexto, os sujeitos estão a falar sobre uma concepção de saúde que difere daquela citada no início deste capítulo. Paulão ao olhar para o corpo enquanto diz que não se considera um doente e que, pelo contrário, está “vendendo saúde”, está a insinuar que apesar de seu corpo não “funcionar normalmente”, ele está saudável. A mãe de Felipe sugere que o direito a participação em eventos que sejam da escolha do indivíduo, ou seja, ser incluído é salutar. As demais falas apontam também formas de tratar as doenças ou os sintomas nas quais os sujeitos procuram evitar as consultas e recomendações médicas. Seja porque já conhecem a medicação que usualmente é prescrita para determinados sintomas e fazem uso da automedicação, seja porque reconhecem determinados sintomas e utilizam outros produtos não farmacêuticos no tratamento. Para Helman, esta forma de tratar as doenças está dentro do que o autor entende por “alternativa informal de assistência à saúde” que abrange:

O campo leigo, não profissional e não-especializado da sociedade, onde as doenças são, em primeiro lugar, reconhecidas e definidas, para depois serem iniciadas as atividades de tratamento. Inclui todas as alternativas terapêuticas a que as pessoas recorrem sem pagamento e sem consultar curandeiros tradicionais

ou médicos (1994, p. 72).

Esta alternativa é representada pelo campo leigo que se encontra em oposição ao campo profissional. O que torna esses sujeitos capacitados e reconhecidos pelo grupo não é seu grau de instrução, mas sua vivência e experiência com alguma doença ou tratamento. Ao contrário do que acontece na alternativa profissional, entre médico e paciente, na alternativa informal os sujeitos envolvidos possuem, geralmente, as mesmas concepções de saúde e doença. Como pertencem ao mesmo grupo social, a comunicação é facilitada, com isso, os problemas de ordem social que afetam a saúde são abordados (HELMAN, 1994).

A maioria dos pais tem percepções sobre o processo saúde/doença e sobre as formas de tratar a saúde em concordância com os atletas adultos. Isto é, possuem uma concepção de saúde que não envolve somente a ausência de doença; entendem que os problemas de ordem social influenciam na saúde dos sujeitos; procuram nas conversas com sujeitos que viveram, ou ainda vivem experiências semelhantes às suas, novas alternativas e também “*feedbacks*” quanto alguma conduta adotada. Contudo, um fato ocorrido na mesa do bar, mostrou-se contrário ao que fora até agora discutido:

04/07 - O pai de Ricardo, geralmente, muito calado estava, hoje, falante. Estava sentado conversando com o pai de Vítor e os cadeirantes adultos Pedrinho e Paulão. Contava que o menino já havia feito uma série de cirurgias e “agora, em agosto ele tem outra, nos joelhos. Faço de tudo para que ele venha a caminhar. Já fiz promessa e cumpri com ele do meu lado”. Dito isso, o pai segue narrando detalhes da promessa: a longa distância percorrida de joelhos, com o menino ao seu lado, a igreja em São Paulo. Não consegui, mais tarde, lembrar os detalhes da promessa porque havia desviado o olhar, e os pensamentos, para Pedrinho e Paulão, atletas cadeirantes, que se encontravam na outra ponta da mesa. Teria sido impressão ou eles haviam trocado olhares? Disso não tinha certeza, mas registrei a expressão de Pedrinho: “ele apenas sacudia a cabeça para cima e para baixo, com os braços cruzados”. Fiquei a imaginar o que estaria ele pensando.

Alguns dias depois dessa conversa no bar, me reuni com os atletas cadeirantes em um Fórum Paraolímpico e durante uma conversa informal perguntei a Pedrinho o que achava do comentário do pai de Ricardo. Ele respondeu: “é a maldita cadeira, todo mundo tem medo, tem horror. Querem que o filho caminhe de qualquer jeito, apelam para a religião e para as cirurgias. Ainda bem que minha mãe nunca deixou que me operassem”.

Os pais apoiavam a prática esportiva de Ricardo, conforme relatado no diário de campo onde a mãe diz que o menino está muito feliz com o basquete: “na escola, ele participa de todas as brincadeiras, mas não é a mesma coisa”. O pai se mostrava um dos torcedores mais fervorosos. Em uma das aulas se colocou ao meu lado e gritava para o filho que estava em quadra: “vai, Ricardo, marca o Vítor. Não deixa ele passar!”. Contudo, o menino participou das aulas até julho de 2009, depois se retirou para mais uma das cirurgias e, ainda, não retornou.

4.2 Fora do CETE

Um dos objetivos do projeto Piá Basqueteiro, quando elaborado pelos atletas da equipe adulta, era de que ele viesse a servir como um espaço para a formação de categorias de base. Alguns dos alunos que ingressaram nas aulas, também, demonstravam interesse em ingressar no esporte competitivo. Então, parecia que o objetivo tinha grandes chances de ser realizável. Decorridos dois meses de aula, os dois grupos, adolescentes e adultos com deficiência, estreitam, ainda mais, suas relações: alguns dos alunos são convidados a treinar durante a semana com a equipe adulta, no Tesourinha; um dos garotos tem sua estréia na segunda rodada do campeonato gaúcho de basquete em cadeira de rodas de 2009; os alunos do projeto e seus familiares assistem aos jogos do campeonato gaúcho em Porto Alegre; há uma confraternização envolvendo os alunos, atletas do basquete e do atletismo, no final do ano; alguns dos alunos jogaram com a equipe adulta o torneio amistoso em Lajeado. Considerei que estar presente em algumas dessas situações seria uma forma de observar, ainda, mais de perto, como o esporte ingressa na vida desses sujeitos.

4.2.1 A estréia de Felipe

No dia 23 de junho de 2009, pelo campeonato gaúcho de basquete em cadeira de rodas, às 20h, aconteceu a partida entre o RS Paradesporto e a equipe de Lajeado na qual Felipe, 15 anos, estreou. O confronto aconteceu no Ginásio Municipal Osmar Fortes Barcelos – Tesourinha.

As arquibancadas - praticamente vazias - denunciavam que o lugar desse esporte é estar à margem. Pouco mais de meia dúzia de cadeirantes assistiam ao jogo. Entre eles dois meninos do basquete do CETE e suas famílias. Dos familiares de Felipe estavam presentes: os pais e o irmão mais jovem. Felipe estava no banco de reservas, aparentemente, tranqüilo. Contudo, quando o menino entra em quadra nos minutos finais do jogo, a mãe com os olhos cheios de lágrimas comentou: “Ele esperou tanto por isso. Hoje, estava muito nervoso, me ligou várias vezes”. O pai e o irmão faziam os registros em uma câmera fotográfica.

O menino comemorou sua estréia com uma cesta que fora aplaudida intensamente pelos familiares e colegas do projeto “Piá Basqueteiro”.

Jogou com a equipe adulta a próxima partida que foi em Santa Cruz, sua primeira viagem com essa equipe.

4.2.2 Partidas pelo campeonato gaúcho de basquete em cadeira de rodas

Estive presente em duas partidas do campeonato gaúcho. A primeira no dia 19 de maio: Canoas e RS Paradesporto e a partida final, RS Paradesporto e CIDEF (equipe de Caxias do Sul) que, segundo o calendário do campeonato, aconteceria no dia 04 de agosto, mas que ocorreu somente no dia 08 de dezembro.

A primeira partida foi realizada no ginásio municipal de Porto Alegre – o Tesourinha, às 20h. Quando cheguei, as equipes já estavam em quadra. Arquibancadas, praticamente, vazias. Fazendo parte desse pequeno público: Leandro, Vítor e seus pais, de um lado da quadra; Márcio, alguns amigos e o responsável pelo grupo, do outro lado da quadra. Três situações chamaram minha atenção:

- a- Os pais conversavam entre si, eu conversava com a mãe de Leandro. Paramos a conversa no momento em que o pai de Leandro falava: “eu não gosto de ver nenhuma de minhas filhas sentadas na cadeira do Leandro... me dá uma coisa...” diz isso levando a mão no peito. A mãe concorda dizendo que ela também não gosta de sentar na cadeira do menino;
- b- Há uma menina no time de Canoas. Morena, jovem, olhos verdes. Vítor ao final da partida comenta: “eu não gosto de namorar cadeirantes, acho feias, mas

aquela ali... eu bem que namorava”. Em seguida completa “mas eu acho que ela não é cadeirante”. A menina havia acabado fazer a transferência de cadeiras e estava indo embora.

- c- No intervalo da partida, fui conversar com Márcio que no último sábado terminara a aula dizendo que não retornaria mais. O menino estava mais disposto, mais feliz. Disse que havia chegado cedo e que tinham lhe convidado para treinar com a equipe adulta durante a semana.

A segunda partida aconteceu no ginásio do CETE, no dia 08 de dezembro. Quando cheguei ao local, havia uma pequena fila de carros estacionados atrás do ônibus da equipe de Caxias do Sul que não havia conseguido passar pelo portão. Os atletas estavam desembarcando do ônibus que não era adaptado com a ajuda da “equipe de apoio”. Todos uniformizados.

Na pequena platéia estão Márcio e Diego com alguns colegas e um funcionário do abrigo onde os meninos residem. Todos os atletas já estão prontos em quadra, mas o jogo não inicia porque estão esperando o outro árbitro, só há um no local. Também, não há o pessoal da mesa. Os dirigentes e técnicos das equipes conversam. A equipe de Caxias do Sul conta com o apoio da UCS (Universidade de Caxias do Sul). Alguns, dos vários alunos que estão acompanhando a equipe, organizam uma mesa.

Aproveito que o jogo ainda não iniciou e vou ao carro buscar um casaco. Em frente ao bar está o árbitro falando ao celular, me pareceu um tanto assustado. Quando cruzo por ele ouço suas palavras: “estou sozinho aqui, não tem mesário, todos já estão prontos...”.

Inicia o jogo, o árbitro apita o primeiro tempo. Intervalo. De repente o árbitro passa pela pequena platéia e vai embora. Todos se olham, surpresos. Um dos atletas que está ao meu lado, assistindo a partida, entra em quadra, procurando saber o que aconteceu. Volta: “o árbitro disse que só poderia ficar até as 21h30min” e acrescenta: “Não agüentou a pressão: sozinho e dois times de chumbados”.

A equipe de Caxias fica muito chateada e vai embora, não aceitando o convite para terminarem a partida sem arbitragem. “Os guerreiros” permanecem em quadra, chamam alguns atletas que estão na platéia para o jogo. O atleta que estava ao meu lado pergunta: “mas até que hora?”. “Até cansarmos” é a resposta de um dos atletas que estava em quadra.

5 O BASQUETE EM CADEIRA DE RODAS NA QUADRA

Para finalizar a viagem de imersão no basquete em cadeiras de rodas praticado no CETE, na qual nos embrenhamos, eu e o leitor, volto para o centro esportivo, mas agora olhando para dentro da quadra onde estão os alunos e o(s) professor(es) e, agora, tanto eu quanto o leitor, com um pouco mais de conhecimento sobre o sujeito com deficiência e sobre o basquete em cadeira de rodas. Talvez, assim, consigamos nos aproximar do significado desse esporte para esses sujeitos, mas abrirei um parêntese e iniciarei este capítulo por um breve relato sobre o basquete em cadeira de rodas oficial, aquele que algumas vezes aparece na mídia.

5.1 O Basquete em Cadeira de Rodas Oficial

Parece consenso de que o basquete em cadeira de rodas surgiu após a segunda guerra mundial. Época em que as vítimas da guerra elevaram o número de sujeitos com deficiência. Na Inglaterra, a modalidade foi praticada como atividade terapêutica no hospital *Stoke Mandeville* que tratava lesionados da guerra onde o neurocirurgião, *Sir Ludwig Guttmann*, é apontado como o grande incentivador da competição como parte do tratamento de reabilitação de veteranos. Nos EUA, o surgimento dessa modalidade aconteceu através do diretor do *Joseph Bulova School of Watchmaking*, *Mr. Benjamin H. Lipton*. Em 1946, uma equipe americana de atletas (ex-combatentes), os *Flight Wheels*, excursionou pelos EUA difundindo a modalidade (JORNAL SUPERACÇÃO, 1988).

Essa modalidade esportiva chegou ao Brasil, em 1958, através de sujeitos com deficiência que a conheceram no exterior. São Paulo e Rio de Janeiro foram os pioneiros na modalidade.

No Rio Grande do Sul, em 2009, teve cinco equipes inscritas no campeonato estadual: Canoas, Novo Hamburgo, Porto Alegre, Caxias, Santa Cruz. Mas, também, há equipes em Erechim, Lajeado e São Leopoldo. Algumas equipes recebem incentivos financeiros da prefeitura local ou de instituições de ensino, outras não.

Em Porto Alegre há somente uma equipe adulta que treina no Ginásio Tesourinha e o grupo de crianças e adolescentes observado nesta pesquisa. Até 2008, havia uma equipe

que treinava na PUC (Pontifícia Universidade Católica).

A quadra do basquete em cadeira de rodas tem as mesmas medidas da quadra para andantes, a cesta tem a mesma altura e o número de jogadores também é o mesmo, cinco, prá começar a partida.

Em março deste ano, participei do primeiro curso para árbitros realizado no Rio Grande do Sul, ministrado por dois árbitros internacionais. Quando falavam sobre as dimensões da quadra e altura da tabela, um deles comentou: “vocês acham que se tivessem medidas especiais para a quadra do basquete em cadeira em de rodas, os praticantes teriam onde jogar? Com as mesmas medidas já não é fácil o jogo acontecer”.

Várias regras são as mesmas como, por exemplo: 3 segundos dentro do garrafão; 05 segundos para cobrança de lateral e para o lance livre; 08 segundos para cruzar para a quadra de ataque; 24 segundos para arremessar em cesta e outras. Também há um equivalente a “andada” que seria dar mais de dois impulsos com a bola no colo.

Contudo, há alguns detalhes que são próprios do basquete em cadeira de rodas os quais, apesar de universais, são pouco conhecidos. Isto, provavelmente, em virtude do paradesporto não possuir uma boa cobertura midiática. São alguns desses detalhes que irei agora comentar.

Quanto à classificação, os jogadores são colocados numa escala numérica de 1 a 4,5. A princípio foi usada a classificação médica, de um a quatro, na qual era considerado principalmente o nível e o grau da lesão na medula espinhal. Os sujeitos com lesões altas (nas vértebras torácicas) são os “pontos baixos⁷”, na classificação correspondem aos números um e dois; os com lesão baixa (vértebras lombares ou abaixo) ou sem lesão (amputados) são os “pontos altos”, três e quatro. Atualmente, a classificação mais utilizada é a funcional na qual é avaliada a capacidade motora do atleta para determinada atividade esportiva, deixando os aspectos biológicos em segundo plano: “a função muscular envolve a avaliação de ações como função do braço, da mão e do tronco e estabilidade do tronco e da pelve e da importância de cada uma para a prática de um determinado esporte” (WINNICK, 2004, p. 253). Os sujeitos com maior dificuldade motora são classificados de 1 a 2,5 e os com menor dificuldade de 3 a 4,5. A classificação é feita por um avaliador funcional que será o responsável pelo preenchimento de um cartão onde estarão

⁷ Expressão utilizada pelos atletas do basquete em cadeira de rodas

especificadas além da pontuação do atleta, as amarras, as faixas e as órteses que ele poderá utilizar nas competições.

O time em quadra deverá somar um total de 14 pontos, se composto exclusivamente por homens. Caso tenha uma atleta do sexo feminino, poderá somar 16 pontos.

Quanto à cadeira de jogo, não é a mesma de uso nas atividades de vida diária. Assim como a cadeira de passeio, ela deve ser feita sob medida para o atleta: “os requisitos de cada esporte e as necessidades dos atletas nele envolvidos devem ser tratados de forma sistemática para que o equipamento adequado possa ser projetado e construído” (WINNICK, 2004, p. 498). Além disso, as cadeiras devem se encontrar dentro das medidas estipuladas pelo CBBC (Comitê Brasileiro de Basquete em Cadeira de rodas). As cadeiras de jogo são projetadas de forma que não apresentem riscos para os atletas: possuem rodas pequenas a mais que aumentam sua estabilidade; as rodas grandes são cambadas o que dificulta as quedas laterais, melhora a mobilidade do atleta, mas diminui sua velocidade; possuem um aro de proteção localizado na frente da cadeira, horizontalmente, que protegem os atletas nos choques entre as cadeiras; devem possuir cintos e amarras que mantenham o corpo do atleta devidamente ajustado na cadeira e outros.

Além disso, a forma como o atleta utiliza a cadeira deve obedecer a determinadas normas. Por exemplo, o atleta deverá ter controle sobre sua cadeira e será punido se menosprezar esse controle para manter-se com a bola. Para o CBBC: “uma atenção especial deve ser dada à cadeira de rodas, pois ela é considerada como sendo parte do jogador”. Sendo permitidas somente as manobras que todos os atletas consigam efetuar. Por exemplo, um atleta ponto alto conseguiria erguer as duas rodas grandes do solo, tendo os braços esticados acima da cabeça, para realizar qualquer um dos fundamentos do basquete, no entanto, não é permitido esse tipo de movimento porque um atleta ponto baixo não conseguiria. Um atleta ponto-baixo conseguiria efetuar esse tipo de movimento somente se mantivesse uma das mãos no aro de impulsão, logo, esse tipo de manobra só é permitido se os atletas a realizarem desta maneira.

O sistema de classificação e as regras sobre a cadeira de jogo demonstram como, no paradesporto, é tratada a questão da igualdade de participação. Uma equipe de basquete em cadeira de rodas deve possuir atletas pontos baixos e pontos altos. A falta de qualquer um deles é prejudicial para a equipe. Equipes que possuam somente atletas pontos altos ficam

impedidas de jogar porque não conseguem colocar cinco atletas em quadra sem que ultrapasse o limite de 14 pontos, quando somadas suas classificações. Equipes que possuam somente atletas pontos baixos entram em quadra em desvantagem, por mais que as regras tentem igualar a capacidade motora dos atletas. Logo, uma equipe terá que possuir atletas com diferentes capacidades motoras e realizar somente aquilo que todos tenham condições de fazer. Isso mostra, na estrutura interna do paradesporto, uma ênfase na inclusão.

5. 2 O Basquete em Cadeira de Rodas Praticado no CETE

Quando os exercícios iniciais da aula terminavam e tinha início o jogo propriamente dito, todo o contexto se modificava. Os pais tratavam de terminar seus cafés; mães e cadeirantes adultos encerravam suas discussões, as expressões faciais se modificavam. Bolsas e cuias de chimarrão eram colocadas de lado. Havia uma nova formação. As mães se levantavam dos bancos e se posicionavam junto à rede, ao lado dos pais. Os cadeirantes adultos ou ficavam com os responsáveis, ou entravam para a quadra onde ficavam nos bancos laterais à mesma, algumas vezes, participavam do jogo. Nesses momentos, os sujeitos que estavam nos arredores da quadra assumiam o papel de torcedores: “... configurando no ambiente ‘uma interação focada’, isto é, em que os diferentes participantes em co-presença imediata compartilham um alinhamento coletivo a uma mesma situação. Nesta nova organização do espaço, muda também a organização das conversas” (GASTALDO, 2000, p. 114). As conversas paralelas entre responsáveis e cadeirantes adultos cessavam ou se modificavam, pois agora todos estavam olhando para dentro da quadra. Os comentários realizados eram curtos e sobre o que estava ali acontecendo.

Na quadra, os comportamentos também se modificavam. Se parecia haver certo desinteresse na parte inicial da aula, o mesmo não acontecia quando a turma era dividida em duas equipes. As equipes eram formadas pelo professor, algumas vezes, com a participação dos alunos. O professor procurava dividir as equipes de forma equilibrada para que ambas tivessem possibilidades de alcançar a vitória. O mesmo não acontecia quando os alunos tinham a chance de escolher as equipes, nestes casos, cada qual procurava formar a equipe mais forte.

O espaço da quadra utilizado para o jogo não era sempre o mesmo. Algumas vezes,

o jogo se realizava em meia-quadra com duas ou uma cesta, em outras em apenas um pedaço da quadra, às vezes, sem cesta e, ainda, houve momentos em que era utilizada a quadra toda. Geralmente, era o professor que estipulava os limites da mesma. As cestas eram desmontáveis, menores e bem mais baixas que a oficial. As cadeiras utilizadas eram emprestadas pela equipe adulta, como já fora dito anteriormente. Logo, eram, também, adaptadas para os alunos do projeto. As regras específicas do esporte eram conhecidas somente pelos atletas adultos que permaneceram, principalmente nas primeiras aulas, bem ao lado da quadra assessorando o professor. Muitas vezes, a disputa acontecia mediada pelas regras do basquete para andantes cujas regras são conhecidas.

As equipes que se enfrentavam em quadra disputavam pelo melhor resultado. Sendo por isso que os alunos tentavam formar equipes fortes. Como estavam em busca da vitória, o desempenho do atleta era valorizado pelos alunos. Isto ficou evidente em algumas observações registradas no diário de campo:

16/06 - Vítor me cobra um melhor desempenho: “Vamos Ana! Mais rápido”;

11/07 - No início (do jogo), Felipe e Vítor realizam passes para a Carla, que perde a maioria, mas quando a outra equipe dispara na frente, os dois meninos formam uma “panelinha”, excluindo Carla;

05/09 - Qualquer falha, desatenção ou falta de habilidade das meninas era cobrada com olhares, palavras e gestos pelos meninos;

17/10 - Iniciado o jogo, Vinícius ganha a confiança dos demais quando realiza a primeira cesta. O mesmo não acontece com Carla. O grupo percebe sua dificuldade e optam por deixá-la de lado;

17/10 - Junior, não é cadeirante e participa pela primeira vez, com um desempenho razoável, é bem aceito pelos demais.

Contudo, os participantes dos jogos não possuem o mesmo desempenho: há os que possuem habilidade com a cadeira e com a bola; os que possuem habilidade somente com a cadeira e os que não possuem nem com a cadeira nem com a bola. Algumas vezes, jogaram indivíduos que nunca haviam sentado em uma cadeira de rodas: amigos e parentes dos alunos; alunos de outra modalidade esportiva do CETE e alunos universitários que realizavam trabalhos acadêmicos.

Elaborado pelos atletas adultos que tinham o desejo de formar uma categoria de base, o projeto “Piá Basqueteiro” apresentou uma única exigência aos interessados: ter entre 08 e 16 anos. Contudo, surgiram alguns interessados mais jovens e outros sem deficiência, todos foram aceitos sem nenhuma ressalva. O grupo foi formado por doze alunos. Se durante o planejamento do projeto a única exigência estabelecida foi a idade, na prática, sequer isto foi exigido.

No momento do jogo e dentro de quadra, mais que a idade ou o sexo, é o desempenho dos participantes que é valorizado pela maioria dos alunos. Desempenho este que os interessados em praticar o basquete competitivo, procuram melhorar através da frequência aos treinos durante a semana no ginásio Tesourinha, com a equipe adulta. O interesse pelo desempenho manifestado pelos alunos em quadra, não se constitui como um valor para atletas adultos os quais, pelo contrário, ficaram surpresos com o desempenho apresentado por alguns alunos nas primeiras aulas, foi o que me disse Pedrinho: “incrível, Felipe já está pronto para participar do campeonato gaúcho conosco”. Em nenhum momento os atletas adultos colocaram o desempenho como um valor para o *acesso* à participação dos interessados na prática do basquete no CETE. Todos, habilidosos ou não, foram aceitos e receberam, se não a mesma, até mais atenção, tanto dos idealizadores do projeto, quanto do professor e, inclusive, por parte da torcida que gritava palavras de incentivo muito mais aos que apresentavam desempenho inferior, conforme registro no diário de campo:

30/05 - Vai Ricardo, marca o Vítor, não deixa passar! Grita o pai de Ricardo ao lado da quadra. Os demais responsáveis também estão a torcer pelos alunos que têm menos habilidade. Para os que são habilidosos, são ditas frases do tipo: “passa essa bola, fominha! (irmã de Leandro).

25/07 - Pedrinho e o estagiário participam do jogo. Eles intensificam e facilitam o passe para Carla que não tem habilidade com a bola e pouca habilidade com a cadeira.

O desempenho, apesar de valorizado pela maioria dos alunos, também não foi utilizado para selecionar os praticantes: “o esporte seria uma prática seletiva e, até mesmo, excludente já que... colocaria os menos habilidosos numa posição inferior na escala social, ou os excluiria desta atividade” (Stigger, 2002, p. 200). O que foi discutido neste contexto e se apresentou como uma questão central é de que a seleção ocorre antes desses sujeitos se

apresentarem às aulas, quando os sujeitos com deficiências ou seus responsáveis, aceitando e concordando com as imagens sociais construídas sobre o sujeito com deficiência, não se apresentam para a prática do esporte.

5.3 Esporte e Lazer

Se por um lado há o esporte competitivo, de alto rendimento, o esporte espetáculo, que move grandes quantias; com ampla cobertura midiática; bem estruturado e com regras fixas, por outro há também outros esportes que possuem características diferentes deste. Foi o que Stigger (2002) encontrou ao observar grupos que praticavam o esporte nos seus tempos livres, o esporte como lazer. O autor comparou três grupos que praticavam o futebol e o voleibol em seus tempos livres na cidade do Porto, em Portugal. Observou a forma como os grupos e os indivíduos se apropriavam do esporte e o que encontrou foi a diversidade, tanto quando comparou os grupos entre si, quando os comparou com o esporte oficial, o esporte de alto rendimento ou, ainda, quando os comparou com outros grupos pesquisados pelo autor em Porto Alegre. Em oposição ao esporte espetáculo, nestes grupos, segundo o autor, não há a preocupação com o resultado, logo, não é cobrado desempenho dos praticantes. Para alguns grupos, a participação e assiduidade são consideradas mais valiosas que o desempenho dos sujeitos e para outro, o que deve ser garantido é a participação. Isto não quer dizer que não tenham uma preocupação com a qualidade do jogo, possuem o gosto por um “bom” jogo e para que este aconteça, alguns modificam as regras, outros, optam por manter a tradição e só realizam o jogo quando há o número de participantes desejado. O esporte por eles praticado, também em oposição ao esporte de rendimento, não seria seletivo. O resultado não tem um valor de troca para esses praticantes, eles praticam o esporte como um fim em si mesmo, apenas por gosto, conforme seus estilos de vida. Esta forma de viver o esporte poderia ser caracterizada, segundo González, como uma prática de sociabilidade onde: “[o esporte] se emancipa do resultado como meta e centra-se nele próprio apenas para produzir um tipo especial de convivência com o outro e para o outro” (2007, p. 25).

Diferentemente do que fora encontrado por Stigger, no grupo aqui pesquisado, entre os praticantes há o interesse explícito pelo resultado. Alguns alunos manifestaram a

vontade de seguir a carreira esportiva: “eu quero ser atleta” (Leandro). Outros, apesar de competitivos se mostram em dúvida quando questionados sobre sua vontade em se tornar atleta: “como vou saber?” respondeu Vítor. Esses alunos também se preocupam com o rendimento. Foram os que, mais tarde, observei participando de competições. Contudo, entre os alunos percebia alguns mais interessados no lazer. Nesse contexto, onde é possível identificar a maioria como interessado na competição, parece haver também outros interessados apenas em jogar por jogar. Os principais sujeitos que identifiquei como praticantes do esporte como lazer são Ricardo, Carla e Rose. São os que me parecem menos interessados no resultado e mais no prazer das brincadeiras e dos jogos. Foram feitos alguns registros no diário de campo que mostram as situações que me levaram a pensar no esporte praticado por esses sujeitos como uma prática de sociabilidade:

16/05 - Começa a aula e o treinador permite que Ricardo fique brincando do lado de fora da quadra. O menino experimenta as possibilidades de movimento com a cadeira de basquete;

13/06 - Há, neste jogo, diferentes interesses e objetivos. Benito e Vítor, por exemplo, competem entre si, procuram mostrar suas habilidades. Eu e o estagiário procuramos aprender a locomoção através da cadeira de rodas, como “tocar” a cadeira, como fazer giros, voltas, como parar... Coisas que nenhuma faculdade ensina. Já a Carla, parece estar interessada somente em fazer parte da brincadeira para se divertir;

18/07 - Vítor e Leandro já haviam entrado para trocar de cadeira. Carla continuava olhando os gatos;

06/12 - Carla e Rose participam junto com os garotos do início da aula. Realizam o aquecimento, o alongamento e os exercícios de força. Logo depois, quando passam para os exercícios sobre os fundamentos da modalidade, Carla continua, mas Rose se afasta e vem me procurar no banco. Pede para brincarmos. Pego na sala ao lado uma bola de borracha, pequena e leve, e um bambolê e nos dirigimos para a quadra ao lado. Estamos a uma meia hora brincando quando Carla se junta a nós: “Cansei lá com os guris, não agüento mais”. Disse a menina soltando o ar dos pulmões pela boca.

Não somente essas situações, mas outras semelhantes me fizeram pensar que alguns dos alunos estavam praticando apenas pelo prazer do jogo, sem qualquer outro interesse. Continuei nessa perspectiva mesmo depois de presenciar situações que contradiziam minha primeira impressão, também, registradas no diário de campo:

06/06 - Os exercícios são inadequados para o Ricardo, que é bem menor que os demais. O menino, então, se afasta e fica nos arredores da quadra brincando com seu irmão mais jovem. Ele brinca de forma a explorar as possibilidades da cadeira de rodas: corre, anda de ré, gira... Contudo, fica atento ao que acontece em quadra e sempre que um exercício lhe parece executável, ele volta. Ninguém fala nada e ele fica a vontade para entrar e sair quando achar conveniente;

05/09 - Carla me falava que precisaria de aulas particulares de matemática, mas estava com muitos compromissos durante a semana e teria que largar uma das atividades para encaixar as aulas, então, digo-lhe que: “se precisar, pode largar o basquete” ao que ela responde: “Não, nem pensar! O basquete eu não largar”. Respondeu-me ela, firmemente. Nisso, usando de ironia, Vítor entra na conversa: “É, Carla... se quiser deixar o basquete, fica a vontade”. Vítor disse isso e começou, imediatamente, a tecer uma série de comentários sobre o desempenho de Carla durante as aulas.

Então, digo-lhes que as pessoas praticam o esporte por motivos diferentes: “Uns, como tu, estão mais interessados em ganhar, em competir, em mostrar-se. Outros, como a Carla, estão mais interessados no divertimento, no prazer de viver bons momentos”. Ao que ela se apressou em responder com indignação:

“Eu quero fazer cesta, também! Eu quero ganhar! Eu quero mostrar para todo mundo o que uma pessoa cadeirante consegue fazer. Porque tu sabe, né? Eles sentem pena. E isso não é legal! Eu não gosto!”.

Quanto aos interesses competitivos de alguns alunos não havia dúvida, pois eram explícitos, falavam espontaneamente sobre isso, como já relatado. No entanto, ainda tinha algumas dúvidas quanto aos que havia identificado como os que “jogavam somente por jogar”. Haveria aqui alguma relação com a sociabilidade? Perguntava-me. Decidi, então, realizar entrevistas. Entrevistei Carla, Vítor e Leandro. Não foi possível entrevistar Ricardo e Rose.

Leandro confirmou o esperado: “sim, eu quero ser atleta”. Vítor disse: “eu gosto de jogar e ganhar e gosto mais ainda quando sou provocado, como quando o pai do Ricardo dizia [nesse momento o menino afina a voz e balança o corpo] vai, Ricardo, marca ele”. Com relação a querer ser atleta respondeu: “como vou saber?” Carla, apesar de verbalizar que pratica com o interesse de “fazer amizades, principalmente, com meninos”, reafirmou seu desejo, respondendo: “quero ser atleta, sim, quero mostrar do que somos capazes”. Parece que Vítor tem desejo semelhante ao de Carla, gosta de se mostrar capaz e melhor.

As entrevistas mostram que o resultado do jogo tem um valor para esses sujeitos. Para alguns o esporte significa uma oportunidade de ser famoso, de ser atleta; para outros a oportunidade de competir seja pelo gosto, seja pelo desejo em mostrar-se capaz. Logo, o esporte, neste contexto, não se apresenta relacionado com uma prática de sociabilidade,

visto que, o resultado tem um valor de troca para esses sujeitos.

5.4 Esporte e Imagem Social do Sujeito com Deficiência

Comecei este trabalho falando sobre as imagens do sujeito com deficiência porque identifiquei essa questão como central nas conversas realizadas no vestiário, entre cadeirantes adultos e responsáveis. Agora, olhando para a quadra, a questão ressurge.

Se a idade, o sexo e o desempenho não foram fatores para selecionar os alunos que participam do projeto, o mesmo não acontece com a imagem social construída sobre esses sujeitos. Algumas imagens sociais do sujeito com deficiência se encontram em oposição à imagem do praticante de esporte, como já dito anteriormente. Essas imagens serão responsáveis pela seleção desses sujeitos. Aqueles que se vêem como dependentes, sem autonomia ou doentes, dificilmente, procurarão uma atividade esportiva. O sujeito se auto-excluirá. São essas imagens que são contestadas pelos praticantes do basquete em cadeira de rodas, não todas, mas somente aquelas que os atores consideram como impedimentos à prática esportiva.

No primeiro dia de aula, quando guia o grupo até o vestiário, Benito alerta: “é fácil achar o vestiário, é só seguir as marcas pretas nas paredes”. Se para alguns, mãos pretas ou paredes sujas são sinais de relaxamento, o mesmo não acontece aqui. O rosto marcado pelas mãos não parece incomodar os alunos que, geralmente, se encontram com as mãos sujas e que após o jogo ficam não somente com as mãos, mas também com o rosto sujo. No final de uma aula a mãe de Leandro lhe diz: “Vai lavar o rosto, está imundo!”. O menino balança a cabeça de um lado para o outro: “Tá nada. Vamos embora”. Na segunda aula, Vítor sai do jogo examinando a palma da mão direita. Paulão, cadeirante adulto, lhe diz: “Não se preocupa com a sujeira, é assim mesmo. Tu compra um sabonete para mecânico e lava as mãos quando chegar em casa.” Porém, o que estava incomodando o garoto não era a sujeira das mãos e sim uma bolha que se erguera durante o jogo.

Quanto à identidade de “sujos”, os sujeitos parecem sugerir outra “percepção sobre o que conta como ‘sujo’” (WOODWARD, 2009, p. 47). Paredes e rostos marcados pelas mãos sujas fazem parte do universo do cadeirante, pois: “... as categorias do limpo e do não-limpo, tal como as distinções entre ‘forasteiros’ e ‘locais’, são produtos de sistemas

culturais de classificação cujo objetivo é a criação da ordem” (ibid., P 47). Se para os andantes, as mãos, os rostos e as paredes sujas são uma transgressão à ordem, o mesmo não acontece entre os cadeirantes, para quem a noção de sujeira é outra.

Amplamente discutidas e contestadas, principalmente, pelos cadeirantes adultos é a imagem de incapaz, sem autonomia e dependente que paira sobre o sujeito com deficiência. Os alunos se encontram em diferentes níveis de independência: os mais velhos e que convivem há mais tempo com a deficiência se encontram em um estágio avançado; os mais jovens, as meninas e os que convivem a pouco com esta situação, em um estágio mais inicial.

Os alunos e os responsáveis são lembrados constantemente pelos atletas adultos sobre a aquisição de autonomia: “imagina, tu vai competir e aí? vai levar a mamãezinha junto?” (diz Benito, atleta adulto, aos alunos).

Durante as observações de competições pude perceber que algumas equipes como, por exemplo, a de Caxias e Lajeado, possuem uma quantidade considerável de voluntários de apoio. Recebendo apoio das universidades locais estas equipes contam com a ajuda dos estudantes que ocupam, também, as funções de treinadores e preparadores técnicos. Contudo, o RS Paradesporto não somente se orgulha pelo fato de não possuir essa figura, como se pôde ouvir na fala de Antônio: “uma vez fomos jogar fora e um atleta da outra equipe me disse - Cara! Vocês fazem tudo sozinhos, um ajuda o outro, trocam rodas e tudo mais”. Como, também, são os próprios jogadores que exercem as funções de técnico e dirigente.

Olhando para os alunos percebo que há diferentes níveis de independência e autonomia que vão sendo conquistados durante o amadurecimento e de acordo com as condições do meio em que se vive: Leandro mora em uma vila irregular, não há calçamento e os desníveis são muitos, logo, a mãe o leva e busca da escola; Vítor mora em um bairro calçado, plano e com rebaixamentos das calçadas no trajeto de sua casa até a escola, logo, vai sozinho para a mesma. Em uma sociedade construída para andantes, poderá um cadeirante alcançar independência e autonomia total? (se é que existe esse nível de independência e autonomia: “total”).

Acompanhei a equipe adulta e os adolescentes durante um torneio em Lajeado e pude ver que por mais independentes que sejam, pois conseguem transpor obstáculos

difíceis:

O micro ônibus não é adaptado. Os bancos, apesar de confortáveis, são muito próximos um do outro o que dificulta a passagem. Os adolescentes se acomodam nos bancos do fundo, os que possuem maior dificuldade para subir ficam nos bancos perto da porta. Todos sobem sozinhos (diário de campo).

Ainda assim há a necessidade de serem ajudados em algumas situações. Durante este torneio, por exemplo, necessitaram de ajuda na arrumação das cadeiras no reboque:

À medida que os cadeirantes se acomodam nos bancos do micro ônibus, as cadeiras de passeio vão sendo amarradas em cima do reboque que é uma caixa fechada, de mais ou menos 2mx1,60cm, onde já se encontram as cadeiras de jogo. Este é um trabalho braçal que é realizado pelos andantes: pais, mães, Antônio (que é amputado de parte da perna esquerda, onde utiliza uma prótese) e Fábio (adolescente sem deficiência que pratica o basquete no CETE). Ao total são vinte cadeiras (diário de campo).

A outra situação ocorreu durante o almoço quando as refeições foram distribuídas em um local inacessível para os cadeirantes e os sujeitos não-deficientes que acompanhavam as equipes de basquete buscaram cada qual para seu grupo, as refeições. Logo, parece que a equipe de apoio é fundamental para essa modalidade esportiva, desde que entenda que a autonomia do sujeito deve ser preservada mesmo que eles não possuam total independência, ou seja, é o praticante do basquete em cadeira de rodas que irá determinar quando e como deve ser ajudado.

Quanto à imagem de doentes, agora, olhando para a quadra, ela sequer aparece. Esta imagem também acaba por selecionar os alunos que praticarão o esporte, mas ela é discutida em um lugar pontual, nos bancos, e apenas entre as mães e os cadeirantes adultos, confirmando o que já havia sido observado anteriormente.

Extrapolando um pouco os limites desse trabalho poderia dizer que tanto essas imagens quanto algumas outras observações registradas no diário de campo mostram algumas semelhanças com uma configuração do tipo: *estabelecidos e outsiders*. Norbert Elias pesquisou a relação de poder entre estes grupos em uma pequena comunidade de trabalhadores, na Inglaterra, onde o grupo estabelecido procura se atribuir maior valor de duas maneiras: através dos elogios que seus integrantes fazem com relação a si próprios e através das imagens depreciativas construídas sobre os integrantes do outro grupo, através

da fofoca. O grupo excluído aceita tais imagens que acabam por afetar a forma como os indivíduos se vêem. As imagens apresentadas neste trabalho sobre o sujeito com deficiência, agem de forma semelhante, conforme registro no diário de campo:

19/05 - Há uma menina no time de Canoas. Morena, jovem, olhos verdes. Vítor ao final da partida comenta: “eu não gosto de namorar cadeirantes, acho feias, mas aquela ali... eu bem que namorava”. Em seguida completa: “mas eu acho que ela não é cadeirante”. A menina havia acabado fazer a transferência de cadeiras e estava indo embora.

Ao encontrar uma cadeirante que lhe parece bonita, Vítor fica em dúvida quanto ao fato da deficiência ou não da garota, afinal, como pode uma cadeirante bonita? O menino prefere acreditar que ela não seja cadeirante: “o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na auto-imagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo” (ELIAS, 2000, p. 24). Para o autor o que leva os grupos a agirem dessa forma é o medo:

O temor que se articula nessa situação por parte dos grupos humanos é uma das principais razões da hostilidade entre esses grupos. Isto vale para as relações estabelecidos-outsiders, mas certamente não só para elas. Quando nos perguntamos por que conflitos internos atravessam toda a estrutura da sociedade humana, a resposta está nesse temor que os diversos grupos despertam uns nos outros permanentemente (ibid, 2000, p. 212).

Nesse sentido é também a opinião de Martin, para quem: “... o problema básico enfrentado pelo deficiente é que eles nos deixaram com medo. Como seres humanos desenvolvidos, aprendemos a tomar certas precauções. Deve-se ter medo do desconhecido, do estranho, do diferente...” (apud KIRK e GALLAGHER, 1987, p. 28)

Nas observações aqui realizadas, encontramos o temor presente em algumas situações:

19/05 - Os pais conversavam entre si, eu conversava com a mãe de Leandro. Paramos a conversa no momento em que o pai de Leandro falava: “eu não gosto de ver nenhuma de minhas filhas sentadas na cadeira do Leandro... me dá uma coisa...” diz isso levando a mão no peito. A mãe concorda dizendo que ela também não gosta de sentar na cadeira do menino;

04/07 - O pai de Ricardo, geralmente, muito calado estava, hoje, falante. Estava sentado conversando com o pai de Vítor e os cadeirantes adultos Pedrinho e Paulão. Contava que

o menino já havia feito uma série de cirurgias e “agora, em agosto ele tem outra, nos joelhos. Faço de tudo para que ele venha a caminhar. Já fiz promessa e cumpri com ele do meu lado”.

25/07 - Algo muito estranho do qual me dou conta, hoje, é que por várias vezes, quando fui me colocar na cadeira de rodas, um pensamento me surgia inconscientemente: “se algo me acontecer, ao menos, já tenho alguma experiência com a cadeira de rodas” Das outras vezes em que participei do treino, também, ocorreu-me pensamentos semelhantes.

Como mudar essa estrutura? Isto é complicado. Mas parece que discutir tais questões pode ajudar. Isso é o que acontece no espaço onde se realizam as aulas de basquete em cadeira de rodas. Após quase um ano frequentando as atividades do grupo, percebo algumas mudanças no comportamento dos pais como, por exemplo, durante o torneio em Lajeado em 27 de março de 2010:

Durante um dos jogos, estou tirando umas fotos e vejo do outro lado da quadra, o pai de Vítor e a mãe de Leandro, bem sentados nas cadeiras de rodas. Olho ao redor e vejo, também, nas outras equipes a mesma cena: pessoas não-deficientes sentadas em cadeiras de rodas, algumas já com bastante intimidade e outras executando manobras simples.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para quem olha de “fora” o basquete que acontece no CETE em muitos aspectos se assemelha com outros esportes praticados na cidade. Nesse espaço, parece com uma das muitas atividades ali desenvolvidas: voleibol, futebol de salão, badminton... Realizado na quadra do ginásio, com tabelas e bolas iguais ao do *esporte-performance*. À frente da turma de alunos um professor, com seus materiais pedagógicos e desenvolvendo a atividade numa seqüência lógica, partindo dos exercícios mais simples aos mais complexos e utilizando as situações que aparecem durante o jogo para discutir com o grupo questões educacionais e éticas, assim como no *esporte-educação*. E, ainda, um grupo que se formou a partir unicamente do gosto pelo esporte, um grupo eclético: meninas e meninos, crianças e adultos, com deficiência ou não, onde as regras são negociadas lembrando o *esporte-participação*. Tais nomenclaturas – *esporte-performance*, *esporte-educação* e *esporte-participação* – são apresentadas por Tubino (1992) e se por um lado ajudam a caracterizar determinada atividade economizando explicações, por outro pode esconder certas particularidades da mesma. Como visto neste trabalho, o basquete em cadeira de rodas possui semelhanças com as três esferas do esporte propostas pelo autor e se fosse estudado a partir de uma delas não nos permitiriam conhecê-lo em seus pormenores.

Um olhar superficial sobre o basquete em cadeira de rodas poderia ressaltar também o caos: de um lado o professor que não conhece as regras nem os fundamentos específicos da modalidade, do outro os atletas adultos que conhecem os fundamentos e as regras, mas não possuem conhecimento pedagógico e, ainda, os órgãos governamentais que oferecem o lugar para a prática, o professor e alguns materiais somente quando pressionados ou quando há algum interesse particular. Como disse uma das mães nas primeiras aulas: “isso [referindo-se às aulas de basquete] não vai longe”.

No entanto, quando observado mais de perto, é possível ver que há uma estrutura, uma ordem social que é própria desse grupo. O planejamento desse espaço, desse projeto, foi feito por sujeitos que vivem há anos no paradesporto e conseguem identificar, melhor que qualquer um, as necessidades do grupo. Estão neles centralizadas as ações de todos os atores envolvidos nessa modalidade esportiva. Ao levantarem as questões sobre as imagens do sujeito com deficiência, o fazem com seriedade, as identificando como central para o

desenvolvimento da modalidade. Se em outros contextos o desempenho ou a assiduidade se encontram no cerne da questão, o mesmo não acontece no basquete em cadeira de rodas praticado no CETE onde são as imagens sociais aceitas e não contestadas que afastam os sujeitos com deficiência do meio esportivo: se o sujeito é doente, não pode praticar esportes, se é intelectual, não deve gostar. Nesse contexto, os atores: pais, responsáveis e cadeirantes adultos, cada qual exercendo suas funções, discutem questões que nos levaram a conhecer não somente o esporte “deles” como também, sua cultura.

Mesmo com suas limitações, esta pesquisa abre não uma porta, mas uma pequena “fresta” através da qual se pôde conhecer o basquete em cadeira de rodas praticado no CETE.

REFERÊNCIAS

ADAD, Miguel Abib. A. **Auto-imagem e a Auto-estima dos Homens Diante dos Novos Papéis Sociais das Mulheres**: Um estudo de caso. Porto Alegre, 1991. p. 110-119. (dissertação/UFRGS).

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

BARBOSA, Maria Angélica Marcheti, PETTENGILL, Myriam Aparecida Mandetta, FARIAS, Theara Lopes e LEMES, Lucyana Conceição. Cuidado da Criança com Deficiência: suporte social acessado pelas mães. In: **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, p. 406 – 412, set. 2009.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: Sociologia das relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade. Tradução: Vera Ribeiro. RJ: Jorge Zahar Editor. 2000.

FONSECA, Claudia. Quando Cada Caso não é um Caso. In: **Revista Brasileira de Educação**. n. 10, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci-arttext&pid>. Acesso em 15/03/10.

FUNDERGS. Fundação de Esporte e Lazer do Estado do Rio Grande do Sul. <http://WWW.fundergs.rs.gov.br/>. Acesso em: 06/03/2010.

GASTALDO, Édison. “O Complô da Torcida”: futebol e performance masculina em bares. In: **Horizonte Antropológico**, v. 11, n. 24, 2005. Disponível em <http://WWW.scielo.br/scielo>. Acesso em 03/03/2010.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Sociabilidades e práticas corporais. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime e SILVEIRA, Raquel (org) **O Esporte na Cidade**: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

HELMAN, Cecil G. Tratamento e cura: as alternativas de assistência à saúde. In: **Cultura**,

Saúde e Doença. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 70 – 99. 1994.

KIRK, Samuel A., GALLAGHER, James J. **Educação da Criança Excepcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

MAGNANI, José Guilherme C. e TORRES, Lilian de Lucca (org). Quando o Campo é a Cidade. Na Metrópole – Textos de Antropologia Urbana. EDUSP, SP, 1996. In: <http://www.n-a-u.org/QUANDOOCAMPOCAPI.pdf>. Acesso em 03/03/2010.

MARCZYK, Luiz Roberto. Exercício e Saúde. In: **Saúde**: informações básicas. LAVINSKY, Luiz (org). 3. ed. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2001.

MEYER, Dagmar. “Porque Só Mulheres? O Gênero da Enfermagem e Suas Implicações”. In: **Revista Gaúcha de Enfermagem**. Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 45-52, 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza Minayo. Introdução à Metodologia de Pesquisa Social. In: **O desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. SP e RJ: Hucitec-Abrasco, p. 9-88. 1994.

MIGLIORIN, Ariane Pereira. **O Ganho de Força e Flexibilidade em um Paciente com Síndrome de Pós-poliomielite após um Treinamento de seis meses**: um estudo de caso. Porto Alegre: UFRGS. 2009. (monografia).

NOVAES, Varlei de Souza. **O Híbrido Paraolímpico**: Ressignificando o corpo do atleta com deficiência a partir de práticas tecnologicamente potencializadas. Porto Alegre: UFRGS, 2006. (Dissertação).

PADIGLIONE, Vincenzo. Diversidad y Pluralidad em El Escenario Deportivo. In: **Educación Física y Deportes**, Barcelona, n.41, p. 30-35. 1995.

RIBAS, João B. Cintra. **O que São Pessoas Deficientes**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

STIGGER, Marco Paulo. Homogeneidade ou heterogeneidade do desporto? Da adesão à heterogeneidade à investigação etnográfica. In: **Revista Horizonte**, João Pessoa, Oeiras/Portugal, v.

84. 1998.

_____. **Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico.** Campinas: Autores Associados, 2002.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões Sociais do Esporte.** São Paulo: Cortez Editores Associados, 1992.

VICTORIA, Ceres G., KNAUTH, Daniela Riva e HASSEN, Maria de N. A. Método Etnográfico de Pesquisa. In: **Pesquisa Qualitativa em Saúde.** Porto Alegre: Tomo Editorial, p. 26-59. 2000.

WINNICK, Joseph P. **Educação Física e Esportes Adaptados.** Tradução de Fernando Augusto Lopes. São Paulo: Manole, 2004.

WOODWARD, Katharyn, SILVA, Tomaz Tadeu da (org) e HALL, Stuart. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** RJ: Vozes, 9. ed. 2009.

APÊNDICE

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. Por que você pratica o basquete em cadeira de rodas?
2. Como você sente jogando basquete?
3. De qual parte da aula você mais gosta? Do jogo ou das brincadeiras?
4. O resultado do jogo é importante para você? Porquê?
5. O que você pensa da carreira esportiva? Você gostaria de ser atleta?

ANEXOS

Ofício Pre-RS n. 5

Porto Alegre, em 30 de janeiro de 2009.

Sr. Promotor,

Presido uma Associação que congrega portadores de deficiência física (PPDs) e tem por finalidade precípua a integração de seus associados à sociedade através da prática do paradesporto. Estamos enfrentando severas dificuldades para desenvolver nossos projetos, tendo em vista o descaso e falta de apoio dispensado pelas autoridades públicas.

Diante de tal fato, somos obrigados a recorrer a este órgão responsável pela guarda dos direitos humanos, no sentido de solicitar sejam tomadas as providências cabíveis para que seja observada a legislação atinente ao tema, com especial ênfase às normas constitucionais que prevêm a prática do desporto como um direito fundamental de todo o indivíduo.

Encaminho, em anexo, notícia crime e documentação alusiva a todos os procedimentos por nós efetuados junto às autoridades na tentativa de obter apoios às nossas demandas.

Atenciosamente,

**Ilmo. Sr. Promotor de Justiça da
Promotoria de Justiça dos Direitos Humanos de Porto Alegre
Rua Santana 440, 7º andar, CEP 90040-371
Nesta Capital**

**EXMO. SR. PROMOTOR DE JUSTIÇA DA
PROMOTORIA DE DIREITOS HUMANOS DE PORTO ALEGRE**

RS PARADESPORTO, associação sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o número , com sede nesta Capital, na Rua dos Andradas 1560, sala 611, Centro, CEP 90020-002, vem a sua presença, através de seu Presidente regularmente constituído, oferecer

REPRESENTAÇÃO

contra as autoridades públicas responsáveis pelas políticas públicas do esporte na esfera Municipal e Estadual, tendo a dizer e requerer o que segue:

Sr. Promotor,

Nossa entidade congrega pessoas portadores de deficiência física (PPDs) e tem por finalidade a sua integração na sociedade através da prática do paradesporto⁸. Para desenvolver tal intento, organizamos equipes de alto rendimento nas diversas modalidades paraolímpicas disponíveis, tais como basquete em cadeira de rodas, atletismo, corrida em cadeira de rodas, natação adaptada, tiro adaptado, esgrima, tênis de mesa etc⁹.

Nos últimos anos, o desporto paraolímpico ganhou respeito e vários paradigmas de nossa sociedade foram alterados com relação à visão dos PPDs. Os Jogos Paraolímpicos de Atenas 2004 e Pequim 2008, com transmissão direta pelos canais SPORTV e reportagens em televisão aberta e mídia impressa, trouxeram uma dimensão enorme ao

⁸ Cf. Estatuto (doc. n. 1);

⁹ Apenas para ilustrar, anexamos o Projeto Paraolímpico do ano 2008 – doc. n. 12;

atleta portador de deficiência física. Ato contínuo, o que se verificou em nosso país foi o surgimento de atletas por todas as partes, novas equipes e clubes, projetos públicos. Infelizmente, o Estado do Rio Grande do Sul anda na contramão da história.

Em nossa Capital, não há sequer um projeto público destinado a oferecer oportunidades de práticas desportivas às PPDs. E, os projetos que existiam, liderados por nossa entidade ou por entidades co-irmãs, foram dizimados em virtude da falta de apoio e das barreiras que nos foram colocadas por aquelas pessoas encarregadas das chefias dos entes administrativos responsáveis pela gestão desportiva Municipal e Estadual.

Para se ter uma idéia, nossa equipe de basquete que mantinha suas atividades por longos anos (o grupo já se reunia para tal prática muito antes da criação formal da entidade); pois nossa equipe de basquete, após mais de uma década de atividades, foi forçada a descontinuar a prática, tendo em vista o fato de o único horário disponibilizado pelo Município para os treinamentos ser aquele das 12 às 14 horas (horário mais adequado para almoço do que para práticas desportivas, não lhe parece ?)¹⁰.

Em 2005 tivemos de formar dossiê e encaminhá-lo ao Sr. Prefeito para que nossa equipe de basquete não se desestruturasse¹¹. Afinal de contas, o horário prometido em fevereiro daquele ano, das 18h às 20h¹², nunca nos foi garantido. E, ao final do procedimento, tivemos que nos contentar com o péssimo horário das 12h às 14h¹³. Mantivemos os treinamentos durante as temporadas 2005, 2006, 2007 e primeiro semestre de 2008, justificando plenamente nossa fama de “Guerreiros”. Mas a situação se tornou insuportável. Dos quase 20 atletas que tínhamos, ficamos com um grupo de treinamento reduzido a 6 literais guerreiros que subvertiam seu cotidiano para treinar no horário do almoço.

E, é bom que se diga, mesmo com tamanhas dificuldades, nossa equipe se manteve rankeada entre as 20 melhores da Confederação Brasileira de Basquete em Cadeira de Rodas¹⁴. Mas, como o desporto de alto rendimento exige treinamento, a medida que os horários de treino pioraram o rendimento de quadra também caiu. Ano a ano a performance de nossos atletas cai e a manutenção nas divisões de elite da modalidade está severamente ameaçada.

Mas, abandonando as margens e voltando ao rio, no mês de dezembro do ano findo, procuramos os co-irmãos do Clube Gaúcho do Desporto em Cadeira de Rodas e com eles fomos à **FUNDERGS – Fundação do Esporte e Lazer do Estado do Rio Grande do Sul**. Nosso objetivo: exigir a abertura de espaço para PPDs no complexo do CETE – Centro de Treinamento, localizado no Bairro Menino Deus, que conta com ginásio de esportes, academia de musculação e pista de atletismo.

¹⁰ Ver doc. n. 15;

¹¹ Doc. n. 16;

¹² Doc. n. 14;

¹³ Doc. n. 15;

¹⁴ Consultar notícias em www.cbcb.org.br ou o diário de nossos jogos oficiais em www.rsparadesporto.blogspot.com;

Essa praça de esportes que é uma referência em nosso Estado atende a toda a sociedade, gratuitamente. Mas os PPDs, ali, não tem vez! A academia de musculação está localizada no segundo pavimento do prédio e só tem acesso por escadas. A cancha do ginásio não possui tabela para a modalidade basquete (e olha que o ginásio está pronto e funcionando há mais de 4 anos).

Em 13.maio.2008, apresentamos nosso Projeto Paraolímpico 2008¹⁵ e, em ofício específico (n. 5), solicitamos textualmente:

“... solicitamos imediata e urgente tramitação de procedimento de aquisição para o Ginásio do Centro de Treinamento das tabelas móveis para a prática da modalidade basquetebol. Anotamos a importância e relevância de tais tabelas, fundamentais à consecução de nossos projetos na modalidade, especialmente aquelas da EQUIPE FEMININA e INFANTO-JUVENIL de basquete em cadeira de rodas, que se encontram suspensos, em virtude da falta de local adequado para execução.”¹⁶

Até hoje nada! Nem sequer uma resposta aos ofícios. Isso deixa evidente que as pessoas responsáveis pela administração do desporto estão brincando com o assunto que lhes foi entregue para gestão. Não é esse o tipo de administrador que queremos e merecemos. E não é esse o tipo de administrador que nosso legislador constituinte queria, porque deixou bem claro, no artigo 37 de nossa Carta Política, o dever de atenção aos princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade e publicidade. Responder um ofício, por certo, seria proceder em atenção a tais diretrizes.

Mas não, aqui no Rio Grande, as autoridades estão mais preocupadas em aparecer na mídia do que em colocar em prática programas públicos. Ao menos na área do paradesporto. Vamos repetir, não há sequer um programa público de paradesporto na cidade de Porto Alegre.

E não digam os senhores gestores que somos intransigentes ou que não os procuramos. Em novembro de 2008, junto com o Clube Gaúcho, retornamos a solicitação junto a FUNDERGS de que fossem tomadas medidas no sentido de nos habilitar a frequentar o complexo do CETE¹⁷. Desde então, já fomos a uma reunião no Gabinete do Presidente da FUNDERGS, a uma reunião com o Sr. Secretário de Turismo, Esporte e Lazer, a uma reunião no Banrisul, a uma reunião com uma funcionária do CETE.

E nada foi feito! Permanecemos na estaca zero do projeto.

Uma tabela de basquete não custa mais do que R\$ 1.000,00. Há, inclusive, dispensa de licitação, por se tratar de móvel de pequeno valor. Um conjunto de bolas de basquete custa menos ainda.

¹⁵ Docs. 11 e 12;

¹⁶ Doc. 13;

¹⁷ Doc. n. 10;

Nem mesmo levar as cadeiras de rodas destinadas a prática do basquete e do atletismo para as dependências do CETE nos foi permitido, porque uma funcionária do local, pasmem, nos disse que recebeu ordens neste sentido.

Encaminhamos, nesta semana, solicitações de reunião com o Sr. Secretário Municipal do Esporte (em 26.janeiro) e ao Sr. Diretor do Ginásio Tesourinha (em 28.janeiro)¹⁸.

E a grande questão é que a temporada 2009 se avizinha. Temos compromissos pela frente¹⁹. Nossos atletas já deveriam estar treinando. Mas todas as portas em que batemos estão fechadas.

Sem dúvida, essa situação não pode e não deve continuar. Teríamos muito ainda a relatar, como por exemplo o total descaso com nosso projeto de criação de um programa paradesportivo para crianças e adolescentes PPDs (que temos apresentado há quase 5 anos às autoridades). Mas acreditamos que o relato até agora feito é suficiente para demonstrar o descaso vigente para nossa comunidade. A farta documentação deixa claro que tentamos de tudo para obter uma solução pacífica ao tema. Mas a paciência está esgotada.

Nesse contexto, O RS PARADESPORTO requer sejam tomadas as providências necessárias no sentido de respeitar o direito dos PPDs de praticarem atividades desportivas em Porto Alegre.

NTPD. Porto Alegre, em 30 de janeiro de 2009.

¹⁸ Docs. ns. 7 e 9;

¹⁹ Doc. n. 17 a 23;